

Dois homens detidos por estuprar uma adolescente em Marracuene

Texto: Redação

Dois indivíduos foram recolhidos às celas do Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Marracuene, na província de Maputo, acusados de violar sexualmente, em colectivo, uma rapariga de 16 anos de idade, na semana finda.

Apurámos que se trata de uma jovem que em vida respondia pelo nome de Juvência Magaia. Segundo a Polícia, um dos indiciados é tio da vítima, encontrada morta, na quarta-feira (25), numa casa em construção no bairro Guava, naquele distrito.

A rapariga, filha do chefe do quarteirão um, e que frequentava a Escola Secundária de Albazine, teria sido depois estrangulada supostamente por ter reconhecido os autores do crime.

Daquelas celas, os visados seguem para uma unidade prisional onde deverão aguardar pelo andamento do processo que provavelmente culminará com o julgamento.

Enquanto isso, um cidadão foi também encontrado sem vida, na manhã de quinta-feira (02), no bairro de Hulene, capital moçambicana. Desconhecem-se as razões da morte mas alguns moradores daquela zona indicam terem ouvido gritos de pedido de socorro de madrugada, o que lhes leva a suspeitarem que o malogrado foi interpelado por bandidos.

Donos duma empresa fantasma prometem empregos falsos e fogem no norte de Moçambique

Centenas de cidadãos que nada fazem para ganhar a vida estão de costas voltadas com os donos de uma empresa fantasma, na província de Cabo Delgado, em virtude de terem sido exigidos dinheiro para o provimento de vagas de emprego que na verdade nunca existiram. Diga-se que frustraram-se o sonho e as aspirações de quem vive dividido entre conseguir o primeiro emprego e sobreviver.

Texto: Redação

Agora, os lesados, que ao que tudo indica desembolsaram fundos para beneficiarem um bando de trapaceiros, encontram-se numa situação de enganados e abandonados à sua própria sorte, porque neste momento não é possível ver nem sequer a sombra de um dos supostos dirigentes da alegada empresa do ramo de hidrocarbonetos.

Consta que os proprietários da referida companhia, que se instalou naquela província para explorar as oportunidades induzidas pelo projecto de prospecção de petróleo e gás, cobravam entre cinco mil meticais (5.000,00) e trinta e cinco mil meticais (35.000,00).

Os pretensos dirigentes da tal companhia, supostamente representada por uma cidadão que responde pelo nome de Claudia Manuel, oriundo da cidade da Beira, província de Sofala, só aceitavam dinheiro vivo.

Em Moçambique, o desemprego é um problema bastante sério, o que leva a que milhares de jovens, principais afectados por esta situação, paguem até o que não têm (contrariando dívidas) quando há anúncio de uma vaga de emprego.

De acordo com os prejudicados, a firma em causa tinha como missão efectuar o recruta-

Montepuez Ruby Mining tem concessão para extrair rubis e matar moçambicanos



A corrida pelos rubis de Namanhumbir levou ao fluxo de mineiros artesanais pobres, compradores não licenciados, contrabandistas, pessoas de idade mediana, de conduta duvidosa e gangs de ladrões, todos a tentarem tirar a sua parte do rico solo vermelho de Montepuez muitas vezes servido-se da violência para conseguirem as preciosas pedras coloridas. Porém, pior do que eles, tem actuado agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) ao serviço da Montepuez Ruby Mining, Limitada. “O meu filho António Gerónimo foi morto a tiro pelos homens da Força de Intervenção Rápida”, um residente da Região, mais arrepiante é o relato de um garimpeiro que viu o seu primo ser enterrado vivo por uma bulldózer da empresa que tem a concessão mineira dos ricos jazigos de pedras preciosas.

Texto: Estácio Valoi * • Foto: Estácio Valoi / Arquivo

O Governo de Moçambique e a Montepuez Ruby Mining (MRM) têm interesses comuns nos jazigos existentes

em Namanhumbir: reduzir a mineração não licenciada e o contrabando de pedras preciosas. Para o Exe-

cutivo significa proteger as receitas fiscais e ganhos em divisas enquanto para a empre-

continua Pag. 02 ➔

Polícia em Marracuene trava acções de assaltantes

Dois indivíduos cujas identidades não foram reveladas pelas autoridades policiais estão detidos no Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Marracuene, província de Maputo, acusado de roubo de uma viatura que supostamente seria vendida. No mesmo ponto do país, vários indivíduos encontram-se encarcerados por cometimento de diferentes crimes.

Texto: Redação

Um dos acusados negou prestar declarações à imprensa e o outro disse que ele é o comparsa estão encarcerado há um mês por um crime que não cometeram. Questionado o que é que o veículo com a matrícula AEF 227 MP fazia nas suas mãos o indiciado disse que só poderia falar no tribunal.

“Temos um mês aqui [detidos] e não sabemos porquê. Não queremos falar, desculpa. Vamos falar no tribunal (...). Não roubamos nada. Trabalhamos”, declarou um dos supostos larâpios, cobrindo o rosto, talvez para não ser reconhecido.

O porta-voz da PRM na província de Maputo, Emídio Mabunda, disse que o grupo dedicava-se a assaltos a residências e estabelecimentos comerciais à luz do dia. Aliás, em Marracuene a população reclamava das acções dos meliantes.

Ainda em Marracuene, a Polícia recolheu aos calabouços um grupo de presumíveis assaltantes, dos quais um adolescente de 17 anos de idade, acusado de vandalizar uma viatura estacionada na via pública com o objectivo de roubar bateria.

O menor contou que fazia parte de um grupo de quatro elementos ora a monte. Os seus amigos foram até à sua casa convidá-lo para passear e acabou preso na posse de baterias de viaturas. O miúdo confessou o crime e afirmou que não agiu sozinho.

Segundo Emídio Mabunda, no Comando Distrital da PRM em Marracuene encontra-se um outro cidadão detido por abandono de uma pessoa que ele próprio atropelou.

Um outro indivíduo está enclausurado por espancar a sua mulher. A PRM disse que a detenção aconteceu depois de várias advertências para que o visado não submete-se a sua companheira à violência física, mas ele não acatou.



A verdade em cada palavra.

Diga-nos quem é o XICONHOCA da semana



Por:

 BBM Pin: 2B04949C

 WhatsApp: 84 399 8634

ou escreva um E-Mail para aeverdademz@gmail.com

→ continuação Pag. 01 - Montepuez Ruby Mining tem concessão para extrair rubis e matar moçambicanos

sa privada significa a salvaguarda de potenciais lucros.

Embora o jornalista tenha observado que os agentes das diferentes unidades policiais estão são acomodados e alimentados na propriedade da MRM, ao lado das outras forças de segurança privadas, a empresa afirma que “as forças governamentais



estão presentes na concessão com mandato específico de salvaguardar um bem nacional de Moçambique”, esclareceu por escrito a empresa Gemsfields, accionista maioritário da concessão, a quem foram remetidos os pedidos de esclarecimento.

Geralmente quando estas forças que garantem a segurança da concessão da Montepuez Ruby Mining depa-ram-se com os garimpeiros ilegais retiram-nos compulsivamente muitas vezes com recurso a violência física e uso de armas de fogo.

“O meu filho António Gerónimo foi morto a tiro pelos homens da Força de Intervenção Rápida (FIR, actualmente designada Unidade de Intervenção Rápida) em Ncoloto, Namanhumbir”, relatou Gerónimo Potia fazendo referencia a área mineira dentro da concessão da MRM na província de Cabo Delgado.



Segundo Gerónimo após o baleamento do seu filho ninguém da MRM ou da polícia se dignou a ajuda-lo. Foi um grupo de cidadãos estrangeiros, na Região também a procura de pedras preciosas, que criaram as condições financeiras para o transporte e assistência médica da vítima. “Ele morreu a caminho do hospital rural”, desabafou Gerónimo Potia adicionando que acabou por amarrar o corpo do filho a uma mota para o levar para casa onde se realizaram as cerimónias fúnebres.

Manuel Artur, outro garimpeiro de 18 anos de idade teve um destino idêntico. De acordo com o seu pai, Artur Pacore, alguns dos colegas do seu filho viram um agente da PRM a disparar sobre o abdómen de Manuel, “(...) ele arrastou-se a uma distância de 100 metros mas não sobreviveu. Morreu a caminho do

hospital de Namanhumbir”, revelou.

“Quando os homens da FIR chegaram eu estava num buraco. Eles disseram-nos para sair da cova. Levei cerca de cinco minutos e quando eu saí, um agente da FIR disparou a queima-roupa um tiro no meu pé e foi embora. Alguns Somalianos e Tanzanianos ajudaram-me “, contou

Jorge Mamudo, garimpeiro precisando que o crime aconteceu em Ncoloto, dentro da área da concessão da MRM, no dia 7 de Julho de 2014.

A Polícia da República de Moçambique, solicitada pela reportagem não aceitou dar entrevista. Já a Gemsfields, em nome da Montepuez Ruby Mining, esclareceu que desde Abril de 2015 o Governo moçambicano substituiu a FIR pela Polícia de Protecção de Recursos Naturais e Meio Ambiente, uma unidade composta por 35 elementos instalou-se em Namanhumbir para proteger a concessão e as áreas em torno dela.

Enterrados vivos

Existem também relatos do uso de bulldozers da empresa para fechar os túneis escavados pelos garimpeiros em alguns casos ainda com os mineiros no seu interior. De acordo com os mineiros quando são surpreendidos pelos agentes da segurança da MRM na posse de pedras preciosas preferem não sair dos túneis. Um mineiro da aldeia Muaja, próxima de Montepuez, indetificado apenas pelo nome de Abdul afirmou que presenciou o seu primo ser enterrado vivo por uma máquina pesada da Montepuez Ruby Mining.

“Três de nós estávamos dentro de um buraco, com 3 a 4 metros de profundidade. Dois saímos para esconder os rubis no mato, a cerca de 100 metros de distância da cova, deixando para atrás o meu primo. Quando voltamos, vimos um buldózer fechando a cova com areia. O meu primo ainda estava lá dentro”.

Em resposta escrita ao nosso questionamento, a Gemsfields disse que iria verificar nos seus relatórios para apurar se o primo do Abdul tinha sido soterrado no deslizamento de terra da mina que ele tinha escavado. “As alegações segundo as quais a MRM enterra vivos os mineradores ilegais com recurso as suas máquinas escavadoras sobre as suas escavações enquanto estes permanecem dentro daquelas, não são solidas”, afirmou a empresa adicionando que pauta por um processo rígido para assegurar que nenhuma máquina da MRM alguma vez tenha causado a morte de mineiros ilegais por aci-

dente ou de forma intencional.

“A dimensão dos túneis é profunda e longa, não podemos afirmar que nenhuma morte tenha ocorrido” disse por sua vez Arcanjo Cassia, Administrador do distrito de Montepuez. Um comité encontra-se a investigar no terreno as mortes para determinar se foram causadas pelo colapso dos túneis ou pelas máquinas que são conduzidas sobre as minas para fechá-las disse ainda o governante local.

“As nossas forças são as que usam armas de fogo e não os mineiros”

De acordo com o Administrador de Montepuez o aumento do número de garimpeiros ilegais dentro e em torno da concessão da MRM originou o aumento generalizado da violência e criminalidade no improbecido distrito da província de Cabo Delgado. Entre Dezembro de 2013 e 2014, foram registados uma média de um assalto por dia, quinze baleamentos mortais tiveram lugar no mesmo período, incluindo seis assassinatos ocorridos em plena luz do dia, entre Junho e Agosto de 2014.



O Procurador de Montepuez, Pompílio Xavier Uazanguia, atribui a maioria dos crimes a crescente tensão entre as forças de segurança armadas destacadas para a protecção dos depósitos de rubis e os mineradores não licenciados na exploração das gemas. “As nossas forças são as que usam armas de fogo e não os mineiros” declarou o magistrado a nossa reportagem revelando que “alguns elementos das forças de segurança foram julgados e condenados”.

O nosso entrevistado disse que entre Janeiro de 2013 e Janeiro de 2015, a procuradoria de Montepuez processou mais de 10 casos contra ele-



mentos da PRM, mais 35 a 40 casos relacionados com assaltos a mão armada alegadamente protagonizados por elementos da polícia que roubavam as cidadãos e aos garimpeiros. Num outro caso, dois elementos da polícia foram condenados por roubo a uma residência com recurso a arma de fogo, afirmou Uazanguia.

No tribunal distrital de Montepuez, com o aumento da criminalidade os casos a serem julgados aumentaram chegando a 950 processos. Numa zona remota de Moçambique como é Montepuez os registos são arquivados em papel pois os tribunais não estão informatizados o que torna

quase impossível o seguimento de cada um desses casos criminais.



Os responsáveis pela mineradora em Londres - o sócio moçambicano é a empresa Mwiriti Limitada (e tem o Raimundo Pachinuapa como o accionista maioritário) -, foram informados sobre o nível de violência e os problemas de segurança na sua subsidiária, Montepuez Ruby Mining. Num relatório datado de Julho de 2015, elaborado pela firma britânica SRK consulting, a pedido da Gemsfields, pode-se ler que “o conflito com os mineiros ilegais constitui um dos riscos mais significativos para a MRM”.

A empresa reconheceu estar ao corrente de um tiroteio protagonizado por agentes da PRM dentro da sua concessão e que resultou na morte de dois mineiros ilegais, um moçambicano e outro tanzaniano. O porta-voz da Gemsfields também disse estar a par das acusações de violência que pesam sobre dois elementos da empresa que faz a sua segurança privada.

“A MRM mantém um diálogo aberto com as autoridades no interesse de manter a lei” disse Gemsfields, adicionando que sobre os termos da sua licença, é obrigado a prestar assistência básica às forças governamentais, incluindo ajuda-los a acomodarem-se porém clarificou que a companhia não tem autoridade sobre os agentes da PRM nem actuam em seu nome.

“Essa assistência não significa que as forças governamentais sejam de algum modo dirigidas pela MRM. Insinuar ou inferir que qualquer assistência logística fornecida signifique que a MRM dirige as forças governamentais é, completamente falso e não poderá ser responsável pelas suas acções”, enfatizou a Gemsfields em comunicado onde ainda explica que está “preocupada com os actos ou alegação de violência e com certeza investigamos tal questão. Estamos a trabalhar com investigadores externos para apurar as alegações”.

“Nós não vamos sair, mesmo que nos matem aqui”

Mas os conflitos não se resumem à escavação pontual ou criminalidade. A 15 de Setembro de 2014 agentes da polícia moçambicana queimaram aproximadamente 300 casas no mercado da vila de Namucho e Ntoro, em Namanhumbir, e ainda espancaram os residentes, de acordo

com chefe da vila e residentes locais entrevistado pela reportagem.

Uma acção idêntica aconteceu em Setembro de 2012 e foi protagonizada por agentes da PRM que alegaram ter sido necessário limpar a área de mineração antes da visita do Ex-Presidente Armado Guebuza.

“Eles levaram as nossas terras e queimaram as nossas casas”, disse um morador, cujo testemunho foi corroborado por outros entrevistados. “Agora eles também nos querem fora de nossas vilas, para abandonar as nossas tradições e nos mudarmos para um lugar onde não tem água e a terra não é propícia para a agricultura. Nós não vamos sair, mesmo que nos matem aqui”.

Ali Abdala, antigo residente da vila de Naicho-Ntoro comunidade de Montepuez, acusou os representantes da Montepuez Ruby Mining o terem forçado a assinar documentos concordando em entregar as suas terras com a promessa de que não teriam que mudar-se. “Eles nos mentiram. Porque somos pretos e pobres, a empresa pensa que podem fazer aquilo que lhes bem entender”, afirmou Abdala.



Membros dos 2000, forte comunidade de Ntsewe em Namanhumbir, corroboraram as afirmações de Ali Abdala de que as residentes locais nunca foram informados que teriam de deixar as terras onde habitam há várias gerações.

A Gemsfields, em representação da MRM, disse por escrito que agiu legalmente e respeitando a legislação moçambicana e que “discussões intensas” com a comunidade local aconteceram. Segundo a porta-voz da empresa, Olivia Young, baseada na capital inglesa, apenas a vila de Ntoro teve de ser reassentada, no âmbito de um plano apresentado pelo Governo, enquanto com 95 famílias conseguiram um “acordo amigável” para que pudessem receber uma recompensação em conformidade com a Lei. A insinuação de que isto seja “uma apropriação de terras” é absurda, acrescentou a empresa na sua resposta escrita.

** Jornalista de investigação moçambicano. Esta investigação teve o apoio do Fundo de Jornalismo Investigativo e foi publicado por Foreign Policy e 100Reporters.*



Editorial

averdademz@gmail.com

Uma Comissão Parlamentar fantoche!

Não se podia esperar resultado diferente daquele que a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da Assembleia da República apresentou a respeito da vala comum com cerca de 120 corpos no centro do país. Até porque a referida Comissão, constituída maioritariamente pelos deputados da banca parlamentar da Frelimo, partiu para a investigação com a certeza de que não existia nenhuma vala comum na região centro do país. Na verdade, a Comissão saiu de Maputo para a província de Sofala com a ideia fixa de reforçar o posicionamento do Governo, que inescrupulosamente defende a não existência da vala comum.

Foi visível o esforço empreendido pela Comissão para desacreditar as notícias veiculadas pela agência de informação portuguesa, a Lusa, dando conta da exis-

tência de uma vala comum em Gorongosa. A Comissão, liderada por então porte-parole do partido Frelimo, não passou de uma fantochada para produzir um relatório lavrado num português tosco para o inglês ver e aplaudir, e fazer crer que há uma preocupação com os direitos humanos dos moçambicanos. É sabido que o Governo da Frelimo está marimbando-se dos moçambicanos cujos corpos foram abandonados nas matas de Gorongosa.

A investigação feita pela Comissão Parlamentar foi, na verdade, uma grande trapça para entreter os moçambicanos que aguardam ansiosamente por um posicionamento responsável por parte das autoridades governamentais. Diga-se em abono da verdade, o cúmulo do teatro mal encenado foi assistir a Edson Macuácu a agir qual um juiz, e com ar de um funcionário público

roboticamente preparado para dizer tudo aquilo que o Governo de turno quer ouvir.

Além de ter sido provado ou não a existência da vala comum, houve registo de pelo menos 15 corpos encontrados nas matas de Sofala e Manca, porém, a falsa e mafiosa Comissão encarregue de investigar a situação ignorou deliberadamente esse facto. A Comissão limitou-se a questionar se existia ou não a tal vala com mais de 100 corpos. Foi, diga-se de passagem, uma manobra previamente estudada para enganar os incautos. Em Gorongosa, a Comissão recusou-se a atravessar Rio Nyadwe e percorrer os cinco quilómetros de distância para a região onde os corpos foram encontrados. Macuácu apresentou como justificação que o trabalho da Comissão, nesta fase, era só em Sofala. Portanto, a Comissão não passou de uma vergonha de proporções gigantescas.

Xiconhoca

Filipe Nyusi

Diz a sabedoria popular que “quando o macaco não sabe dançar, diz que o chão está torto”. É o caso do Presidente da República, Filipe Nyusi, que foi a província de Tete mentir a população local. No lugar de explicar as reais razões que estão por detrás da decisão dos doadores internacionais de suspender a ajuda externa, ele afirmou mentirosamente que tal situação deve-se ao facto de aqueles países que apoiam o Orçamento do Estado estarem a enfrentar uma crise financeira sem precedentes. Na verdade, Nyusi não quis admitir que a situação que o país hoje atravessa foi provocado por ele e outros Xiconhocas que continuam impunes.

JINDAL

Isto há muito que deixou de ser um país normal, pois os interesses económicos de um punhado de indivíduo continuam a suplantar os interesses da população e da nação. A título de exemplo, a mineradora JINDAL tem estado a violar uma série de direitos fundamentais dos camponeses em Cassoca, Luane, Cassica, Dzinda e Gulu, afectadas pelas actividades de exploração do carvão, no distrito de Marara, localidade de Chirodzi. As famílias camponesas foram reassentadas em zonas sem mínimas condições para erguer habitação. O mais caricato é o silêncio cúmplice das autoridades competentes.

Pai que abusou da filha

Há indivíduos que deveriam ser isolados do convívio em sociedade, devido ao comportamento deveras repugnante. É o caso do homem de 46 anos de idade que abusou sexualmente a sua própria filha de apenas 13 anos de idade. Este Xiconhoca, que agora está a ver o sol aos quadrinhos nas celas da Polícia da República de Moçambique (PRM) no distrito de Macate, na província de Manica, devia ser castrado. Um pai que se preze jamais cometeria tamanha barbárie contra a sua própria filha. Xiconhoca!



Jornal @Verdade

Moçambique é um país severamente afectado pela corrupção que é influenciada pelo Governo seguido pelos negócios das multinacionais e os traficantes de drogas, a constatação está patente num estudo apresentado nesta segunda-feira (30) em Maputo, onde “as práticas corruptas são tidas como sendo mais frequentes”, e que revela que “o valor agregado dos custos de corrupção durante o período de 2002 a 2014, a preços correntes, é de 4,8 a 4,9 biliões de dólares norte-americanos”, sem incluir os empréstimos secretos das empresas Proindicus e Mozambique Asset Management (MAM). Porém, para Adriano Nuvunga, do Centro de Integridade Pública (CIP), “a corrupção não são números, tem rostos. E os rostos são as meninas e os meninos deste país que deixam de ser crianças aos 10 ou 12 anos para se dedicar a actividades outras para conseguirem viver”.
<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/58130>

Yaqub Sibindy A corrupção é um vírus que ataca geralmente os inocentes: quando um pai decide dar gorjeta para o professor facilitar seu filho à passar de classe! Quando o filho aperceber-se deste esquema do pai, vai passar a confiar na corrupção do pai, ao invés de estudar! Eis que o pai vai sentir na carne, no dia em que adoecer, recorrendo à assistência do filho médico, formado à custa da corrupção e, daí o filho vai lhe receitar um medicamento impróprio porque a corrupção terminou simplesmente no Diploma e no exercício da função, já não vai ser lhe útil - explanou Adriano Nuvunga! · 31/5 às 15:08

André Lúcio Lazzarotti Da mesma forma quando a filha faz sexo com o professor e ele manipula as notas e ela passa de ano. Corrupção está em todas áreas. Por isso precisamos urgente uma mudança na mente. · 31/5 às 15:49

Mario Miguel Ali A pura verdade! Os pais estão interessados em ter filhos



advogados, contabilistas e auditores, gestores de recursos humanos menos ser técnico profissional de máquinas, engenheiros técnicos e aí vem a pergunta: “se ninguém vai produzir apenas querem gerir, como aumentaremos os índices de produção e produtividade?” · Ontem às 9:36



Filipe Armando Francisco Francisco bem dito Dr Nivunga, a vontade politica e primeiro passo, o 2 passo creio que seja o desligamento em definitivo do novo lider “nyusi” das redes corruptas e o 3 passo a implementacao de forma rigoriza do pacote de combate a corrupcao. Chade faz parte de africa, embora la seguir os exemplos · 31/5 às 14:06



Lidónio Luís Recordo-me de um discurso, proferido numa das aulas que tive ,no qual dizia: Alguns males, contribuem positivamente para a sociedade. Exemplo corrupcao! porque? a resposta é: se nao existisse a corrupcao, nao existiria o gabinete de combate a corrupcao, logo o nivel de

desemprego iria aumentar! porque os individuos que la trabalham nao teriam aonde trabalhar, ou seja é a corrupcao que fezz com que eses individuos tivessem emprego...lguns males sao necessarios para a sociedade. · 31/5 às 23:00



Ilidio Samuel Arrone Pena que estas brilhantes palavras só vão preencher mais uma página dos jornais, isso é o que mais me dói. De resto já estou habituado. · 31/5 às 14:14



Steven Jorge Muianga Concordo contigo Ilidio Samuel,não vai passar de mais um estudo ou relatório, seja o que for,bem elaborado mas que de nada resolverá. Triste nosso Moxambique.o Dr.Gill começou ou aprofundou um debate sobre a constituição, e aí??alguém mais falou do assunto??? · 31/5 às 17:51



Ilidio Samuel Arrone Steven Jorge Muianga bela observação meu caro, completou de forma mais clara e precisa o meu raciocínio e quanto a sua questão vou a considerar “retórica”, não carecendo de resposta e portanto saliento que é

mesmo pertinente. Abraços. · 31/5 às 18:19



Steven Jorge Muianga Não vai Passar de palavras e estudo isso.a gente já sabe disso a muito tempo.a corrupção esta no topo e vai até a base. · 31/5 às 17:55



Marta Silas Isso mesmo Steven Jorge Muianga da base o topo já te conhecimento do caso por isso vai custar muito a cá bar com isso os próprio políticos são corruptos falam muito antes de ser dado o bolo mas depois de de receber é Ave Maria estamos a onde afinal · 31/5 às 22:38



Alberto Jacinto Chambale Ajc So si fala hoje amanhã ja não! · 31/5 às 14:30



Alberto Homwana A corrupcao e um virus k afecta mtos dirigentes mocambicanos i ja nao ha cura pa eles. · Ontem às 17:27



Priscila Sumbe So li verdades,certissimo · 31/5 às 13:57



Geraldo Bff Macie Poxa · 31/5 às 19:32

Fale em segurança
com o @Verdade no



WhatsApp: 84 399 8634

ou no

Telegram



84 39 98 634

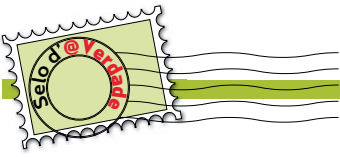
Ficha Técnica

NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telefóvel+258 84 39 98 635

MAPUTO-Av. Paulo Samuel Kamkhomba 83
Telefóvel+258 84 39 98 629

E-mail: averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.
Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emildo Sambo; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino; Redacção: Cristovão Bolacha, Leonardo Gasolina; Director Gráfico: Nuno Teixeira; Director de Distribuição: Sérgio Labistour; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.



A vala dos comuns

Diz quem sabe do assunto que a proximidade entre o espaço residencial e a área de produção agrícola é uma das principais características das comunidades rurais moçambicanas. Como tal, a deslocação compulsiva de agregados familiares afecta lógica e significativamente o seu espaço produtivo e consequentemente ameaça a sua segurança alimentar.

Há pouco mais de uma década os jazigos de carvão na Província de Tete, em Moçambique, tornaram-se alvo da cobiça de várias multinacionais do sector mineiro. Em troca de um alegado precioso contributo para o desenvolvimento do país, a exploração desses recursos foi-lhes entregue. Negligentemente, foi-lhes igualmente entregue o destino de inúmeras comunidades locais que – através da agricultura de subsistência, da pecuária, da olaria ou mesmo do garimpo informal, entre outros – viviam sobre esses jazigos há incontáveis gerações. A JA viajou este mês até Tete para ver como estão alguns dos muitos reassentados da Província.

Com o apadrinhamento do governo moçambicano, em 2009 e 2010 cerca de 1500 famílias das comunidades que ocupavam as áreas hoje exploradas pelas mineradoras Vale e

ICVL foram indecorosamente reassentadas em locais impróprios, onde a escassez de água, a pobreza do solo e/ou o isolamento do local por si só, colocaram a sua sobrevivência em risco de forma flagrante.

Apesar das inúmeras denúncias, dos protestos e manifestações e de toda a controvérsia que nos anos subsequentes envolveu os reassentamentos de Cateme, 25 de Setembro e Mwaladzi, em Agosto de 2013 a Jindal Steel e o governo de Moçambique fizeram o que muitos achavam impossível e “subiram a parada”. Na altura, inacreditavelmente, o então Presidente da República Armando Guebuza inaugurou pessoalmente mais uma mina gigante na Província: Chirodzi, uma mina de carvão a céu aberto em cuja área de concessão – à espera de ser reassentadas e sujeitas a condições extremamente insalubres – até hoje vivem centenas de pessoas.

Os que tiveram a “sorte” de ser reassentados, hoje, quase sete anos depois, continuam à espera que as promessas de trabalho e de melhores condições de vida feitas pelas mineradoras (e previstas por Lei) se materializem. A maioria reclama há anos que as suas zonas de origem reuniam muito melhores condições (nomea-

damente aquelas oferecidas pela própria natureza, como por exemplo o acesso à água) do que as zonas onde foram colocados.

A verdade, é que mineradoras e governo são directamente responsáveis pelas condições deploráveis em que estas pessoas hoje sobrevivem e que tivemos a tristeza de testemunhar. Sem água suficiente para viverem condignamente; sem acesso a uma rede de transporte público minimamente funcional (e como tal privados de aceder a hospitais, tribunais, escolas e fontes de rendimento fora das áreas de reassentamento); servidos por postos de saúde construídos “para Inglês ver”, que nunca têm medicamentos e onde ninguém quer sequer trabalhar, quanto mais ser atendido; estas gentes estão condenadas ao esquecimento.

As entidades governamentais competentes, desavergonhadamente, não parecem estar interessadas em zelar pelo seu bem-estar. Hipotecado por força das circunstâncias, o futuro das várias crianças desses novos aldeamentos parece hoje muito menos promissor do que antes da chegada dos grandes empreendimentos. Pelo menos então o ar era mais puro, a comida suficiente e a água abundante.

Seguindo à risca o modus operandi da sua indústria, para limpar a sua imagem algumas mineradoras estabeleceram nos reassentamentos alguns projectos ditos “de geração de renda”. No entanto, estes padecem dos mesmos males que, à partida, minaram o sucesso dos reassentamentos: mais uma vez as comunidades não foram devidamente auscultadas e não houve transparência na selecção de beneficiários.

Aliás, vários relatos que nos foram feitos recentemente denunciam o facto de serem mormente os líderes comunitários os principais beneficiários destes projectos. Algumas denúncias indicam mesmo que pessoas estranhas às comunidades reassentadas estarão a tirar proveito destes programas.

Ilhados, apesar de estarem próximos de algumas das zonas “quentes” do actual conflito militar que aflige o país, estes Manyungués não parecem estar muito preocupados com a guerra. Pudera! Ao contrário dos corpos alegadamente encontrados há semanas na Gorongosa, estas gentes foram atiradas para a sua vala comum ainda vivas. E lá permanecem.

Por Justiça Ambiental

Xiconhoiques

Edil condenado por corrupção volta ao cargo


O nível de promiscuidade a que chegamos é deveras preocupante. Porém, o pior de tudo é a falta de vergonha das instituições públicas e/ou de Estado e os indivíduos que se encontram pendurados nesses poleiros. Depois de ser condenado por abuso de poder e actos de corrupção, o Presidente do Conselho Municipal de Lichinga, Saíde Amido, regressou ao seu posto de trabalho com a cara mais deslavada, como se nada tivesse acontecido, ao invés de abandonar imediatamente o seu cargo, uma vez que tem a imagem totalmente destruída. Aliás, o regresso de Amido à presidência daquele município descredibiliza a Justiça moçambicana e também aquela edilidade. Um indivíduo de má conduta como o edil de Lichinga não pode continuar a frente de uma instituição que se pretende idónea, pois corre-se o risco de voltarmos a assistir a propagação da corrupção e abuso de poder.

Comissão parlamentar de inquérito “valas comuns”

Uma autêntica vergonha de proporções astronómica, é o que se pode dizer da Comissão Parlamentar criada para investigar o caso da existência de valas comuns em Canda, no distrito de Gorongosa. A comissão, constituída maioritariamente pelos deputados da bancada parlamentar da Frelimo, é, na verdade, uma grande trapaça. Diga-se em abono da verdade, a mesma foi criada para o inglês ver e aplaudir, razão pela qual não se podia esperar outro resultado. Os deputados da Frelimo deliberadamente desviaram-se do foco da investigação, procurando de forma desenfreada desacreditar as informações segundo as quais há centenas de moçambicanos mortos e enterrados numa vala comum. Diante de pelo menos 15 corpos, a Comissão ignorou e concluiu não haver vala comum naquela região do país. Em Gorongosa, a comissão recusou-se a atravessar Rio Nyadwe e percorrer os cinco quilómetros de distância para a região onde os corpos foram encontrados. Edson Macuácuá, que lidera a Comissão, apresentou como justificação que o trabalho da Comissão, nesta fase, é só em Sofala.


Combate à corrupção


A corrupção soma e segue no país, e as instituições que deviam combater finge que o problema não lhes diz respeito. Um estudo realizado pelo Centro de Integridade Pública (CIP) publicado em Maputo constata que Moçambique é um país severamente afectado pela corrupção que é influenciada pelo Governo seguido pelos negócios das multinacionais e os traficantes de drogas. Alfândegas, Empresa Moçambicana de Atum(EMATUM), sub-facturação das importações dos combustíveis líquidos, processo de aquisição no sector das telecomunicações e também na construção e obras públicas são os cinco sectores “nos quais a corrupção é a mais acentuada” no nosso país. Porém diante dessa realidade, a Procuradoria continua a fechar olhos, limitando-se a correr atrás de pilha galinhas. Quanta Xiconhoique!


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade


O edil de Lichinga, Saíde Amido, foi condenado, na semana passada, a 18 meses de prisão convertidos em coima, por crimes de corrupção. Amido voltou nesta segunda-feira (30) ao trabalho.
<http://www.verdade.co.mz/newsflash/58127>


 **Marcos Augusto Henriques** Parece que o governo ganha mais quando se cometem mais crimes. O nosso governo aprova leis pra se beneficiar delas. O pobre é que entra na prisao. O nosso governo por ser ladrao só aprova leis k incentivam criminosos. · 31/5 às 18:35


 **Matias Lucas Vinte** Enquanto a nossa lei não for implacável contra a corrupção nunca iremos estar livre dela. Ele deveria permanecer preso sem nenhum direito a coima e de seguida imediatamente destituído do cargo. Assim ele voltou a trabalhar, voltará a roubar, voltará a corromper e ser corrompido, e o povo continuará a morar numa cidade suja mesmo pagando impostos que não se reflete na melhoria da urbe. · 31/5 às 12:48


 **Maria Narotam** Pouca vergonha. ..como pode um bandido voltar a

ocupar o cargo...ele e obrigado a dimitir se ja k a frel nunka tem coragem d faze lo. ...tbem se os grandes ladroes comecando p proprios presidents minister etc pk seria ele ? · 31/5 às 20:15


 **Boaventura Alberto Massango** Só se fosse doutra formação política haveria eleições. Mas como é do batuque têm medo de perder.. latarau · 31/5 às 12:13


 **Antonio Francisco** K vergonha neste país, será k ele n vai roubar de novo? Isso é esconder o rato no saco de amendoim. · 31/5 às 14:57


 **Gusmão Peixoto** É estranho que não se fale em demissão e convocação de eleições antecipadas! · 19 h

 **Milena Da Esperanca Jorge** Uqui axam esse governo enves d diminuir mentiras aumenta cada ves mas,tdo isso pk xta cheio d ladroes si os proprios dirigentes


sao ladroes e ele k é comandado uki fara! · 31/5 às 18:44


 **Thomas Newman** Tudo oque vemos em Moz... não oque parece!!! · 31/5 às 13:33

 **Pm Bero** Quem vai pagar a dívida será mesmo partido não ha como · 31/5 às 12:22


 **Mulandi HI Mina Kheni** Sera que a lei Moçambicana permite que alguém que ja foi julgado e condenado por crimes contra o Estado pode ocupar cargos do género? · Ontem às 7:34


 **Adilson Joao Luis Campira** Bricadeira · 31/5 às 12:41

 **David Jeremias Macuvele** Se fosse outra pessoa desistia do cargo · 9 h

 **Atanasio Raul Chauque** Injustiça · Ontem às 7:47

 **Bacass Rafio** Kkkkk · 31/5 às 22:12

 **Ferreira F. Fernando** moz é uma tera sm lei · 31/5 às 20:04

 **Gil Lino Lino** E justixa moxambicana · 31/5 às 12:41

Fale em segurança com o @Verdade no

 **WhatsApp:**
84 399 8634

ou no

Telegram

86 45 03 076



Telegram

 **Telegram for WP**

 **Telegram for Android**

 **Telegram for IOS**

Telegram for PC/MAC/Linux

Ex-Primeiro-Ministro Aires Ali nomeado Embaixador na China

Texto: Redacção

O ex-Primeiro-Ministro, Aires Ali, é o novo Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República de Moçambique junto da República Popular da China, em substituição de António Inácio Júnior. A nomeação acontece poucos dias depois de o Presidente da República, Filipe Nyusi, ter visitado aquele país, considerado um importante parceiro em várias áreas.

Para além desta nomeação, o Chefe do Estado, exonerou também António Júnior do cargo de Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República de Moçambique junto da República Democrática e Popular da Coreia, segundo refere um comunicado de imprensa da Presidência.

À data sua indicação, Aires Ali era Presidente do Conselho de Administração (PCA) do Grupo Entrepósito, considerando o líder na área de venda de viaturas em Moçambique. Além de ministro da Educação, Ali foi governador das províncias de Inhambane e do Niassa.

Em Outubro de 2012, o antigo governante foi exonerado do cargo de Primeiro-Ministro, cargo que ocupava desde 2010. O seu afastamento, pese embora associado a uma eventual sucessão de Armando Emilio Guebuza, não passou disso. Aliás, ele reprovou na corrida por um assento na Comissão Política do partido Frelimo, partido de governa Moçambique desde 1975.

Os rubis de sangue de Montepuez



Cerca de 40 por cento dos rubis no mundo encontram-se em Montepuez, no Norte de Moçambique, e são explorados por uma multinacional inglesa associada a um histórico general da Luta Armada de Libertação. Paralelamente à exploração de pedras preciosas cidadão apontados como garimpeiros ilegais são violentados e assassinados.

Texto: Estácio Valoi * • Foto: Estácio Valoi / Arquivo

Mila Kunis, encarna exactamente o tipo de mulher, jovem, sensual, enigmática, influente que a Gemfields, a líder mundial no fornecimento de pedras raras coloridas, rubis e esmeraldas, deseja como sua embaixadora.

A actriz de Hollywood de 32 anos de idade, bem conhecida pelo seu papel interpretado nos filmes Black Swan e Oz the Great e Powerful, estrela um recente vídeo promocional da multinacional Britanica exhibe jóias criadas

a partir das pedras extraídas em Montepuez, a maior concessão mundial de rubis, uma das últimas aquisições da Gemfields.

Localizada a norte de Moçambique, [continua Pag. 06](#) →

Mais corpos encontrados ao abandono no centro de Moçambique

Após as autoridades moçambicanas terem mandado enterrar mais de uma dezena de corpos encontrados no distrito de Macossa, na província de Manica, sem realizar autópsia, nem apurar a identidade das vítimas e tão-pouco as causas da morte, mais cinco corpos foram achados "ao abandono na mesma região, por um grupo de jornalistas da France Presse (AFP) e Deutsche Welle (DW), aumentando para vinte o número de cadáveres ali descobertos", e sobre os quais tem havido bastante ruído.

Texto: Redacção

Informações postas a circular por vários órgãos de comunicação social nacional e estrangeira dão conta de que ao todo foram encontrados 15 corpos, em Maio último, e sepultados sem autópsia alegadamente porque estavam em avançado estado de decomposição. Contudo, mais tarde, o Governo veio a público afirmar que em Macossa foram encontrados 13, para na semana finda aparecer com uma nova versão de que eram 11.

Em relação aos últimos cadáveres, segundo a AFP, "a partir da berma da estrada", um cheiro forte infestava as proximidades. Trata-se, por sinal, do "local onde há um mês já tinham sido identificados pela Lusa e DW quatro

cadáveres abandonados no mato", esclarece a agência portuguesa de informação, que o Ministério da Justiça Assuntos Constitucionais e Religiosos pondera incriminar por ter veiculado, em primeira mão, a notícia sobre uma presumida existência da vala comum no posto administrativo de Canda, distrito de Gorongosa, província de Sofala.

"Na Zona 76, o suposto local da vala comum, todos têm muito medo de falar sobre isso", prossegue o texto da AFP, recordando que as autoridades moçambicanas negaram a denúncia feita pelos camponeses, de acordo com a Lusa.

Refira-se [continua Pag. 19](#) →

Malária ainda é problema de saúde pública em Moçambique

A malária, uma doença infecciosa, mortífera e transmitida através da picada do mosquito (fêmea), está longe de ser eliminada em Moçambique. Dos seis milhões e quatrocentos casos registados no ano passado, pelo menos 2.465 resultaram em morte, contra 3.245 óbitos registados em 2014.

Texto: Redacção

Apesar da redução de óbitos, o número de pessoas padecendo desta enfermidade aumentou de 5,8 milhões para 6,4 milhões.

Martinho Djedje, inspector nacional no Ministério da Saúde (MISAU), disse, na quarta-feira (01), que a abordagem e o combate ao paludismo deve estar mais focado ao distrito e à província. "O elevado peso da malária constitui grande preocupação para o Governo", porque "interfere negativamente no desenvolvimento económico e social do país".

Segundo o dirigente, que falava na abertura da VIII Reunião Anual de Balanço do Programa Nacional de Controlo da Malária, pese embora "existam intervenções eficazes em termos de custos", a doença continua a ser um dos maiores problemas de saúde pública em Moçambique, causando milhões de casos e milhares de óbitos anualmente.

A malária perpetua a pobreza à medida que contribui para o elevado absentismo nas escolas, nos postos de trabalho e faz com que haja perda da mão-de-

-obra laboral, para além dos casos de doentes que ficam com sequelas depois de serem contaminados pela doença, em situações mais graves.

Moçambique tem estado a implementar os métodos de controlo desta enfermidade, desde a distribuição de redes mosquiteiras à pulverização intra-domiciliária. Todavia, a mesma doença prevalece como a principal causa de morte, sobretudo em crianças com menos de cinco anos de idade. As contaminações incidem mais, também, na mesma faixa etária e em mulheres grávidas.

Nas comunidades, apela-se cada vez mais à eliminação dos locais considerados habitats do mosquito, tais como charcos de água estagnadas e as populações devem consentir a pulverização intra-domiciliária. Contudo, tais medidas pouco têm sido levadas a peito pelas mesmas populações. Em Maputo, os distritos municipais de KaTembe, KaMavotha e KaChamanculo são considerados os mais problemáticos em termos de proliferação de mosquitos.

Diga-nos quem é o
XICONHOCA
da semana

Por:

BBM Pin: 2B04949C

WhatsApp: 84 399 8634

ou escreva um E-Mail para averdademz@gmail.com

→ continuação Pag. 05 - Os rubis de sangue de Montepuez

na província de Cabo Delgado, presume-se que a concessão de Montepuez seja responsável por 40 por cento do fornecimento mundial desta pedra preciosa associada a riqueza e a realeza.

O vídeo promocional é carregado de uma qualidade de algo imaginário. As aparções eloquentes da Kunis, adornada com o que a empresa baseada no Reino Unido descreve como “a pedra mais preciosa e venerada do mundo”, quase num movimento sensual e sedutor vai flutuando no ecrã de dentro para fora e vice-versa, os seus lábios carregados de uma tonalidade forte de batom vermelho contrastando com o brilho dos brincos, pulseiras e colar salientes, cuja essência é enaltecida pela sua pele descolorada.

Para Gemfields, que gasta uma quantidade substancial da sua receita para trazer pedras preciosas coloridas “de volta para a sua posição de direito, pelo menos, igual aos diamantes”, como refere o líder do executivo da Gemfields, Ian Harebottle numa entrevista em 2011, Kunis tem sido a combinação perfeita.

Na hecatombe de diferenciar os diamantes das suas pedras preciosas vermelhas, que ficaram associadas aos conflitos armados que derramam sangue africano, a Gemfields encontrou alguém que “partilhou (os seus) valores do sistema”, conforme diz Harebottle num vídeo promocional sobre o trabalho da Gemfields em Moçambique.

Para a empresa, muito está em jogo. Nos recentes leilões, os rubis de Montepuez renderam a empresa 689 dólares norte-americanos por quilate, 10 vezes mais que o preço conseguido em 16 leilões anteriores de esmeraldas da mesma multinacional inglesa.

Os leilões dos rubis de Montepuez são extremamente concorridos, gerando para a empresa milhões de dólares norte-americanos em lucro, num leilão realizado em Junho de 2014, em Singapura, a empresa encaixou 33,5 milhões norte-americanos. Numa venda posterior a receita chegou aos 122,2 milhões norte-americanos.

Passam sete anos desde que os primeiros jazigos de rubis foram descobertos em Namanhumbir, um local que dista algumas centenas de quilómetros da sede do empobrecido distrito de Montepuez onde a Gemfields tem a sua concessão, sob égide da subsidiária moçambicana Montepuez Ruby Mining, Limitada, onde detém 75 por cento. Os restantes 25 por cento pertencem a empresa mo-



çambicana Mwiriti Limitada onde é sócio maioritário o histórico general, e influente membro do partido Frelimo, Raimundo Pachinuapa.

Ricaços de sangue vermelho

Descoberto por um camponês em 2009, o jazigo de

do” a propriedade a empresa Mwiriti Limitada, onde o histórico general da Luta Armada detém 60 por cento em parceria com um cidadão de nacionalidade iraniana, identificado pelo nome de Asghar Fakhraeali, obteve uma licença para a exploração das minas de pedras preciosas.



pedras preciosas de Namanhumbir foi rotulado pelo Instituto de Gemologia dos Estados Unidos da América como “a maior descoberta de rubis” do século XXI, as gemas são de uma qualidade excepcional, cor e brilho.

Sem grande surpresa a descoberta atraiu moçambicanos e estrangeiros com o desejo de enriquecer a todo custo.

Um desses indivíduos foi Raimundo Pachinuapa, membro do Comité Central e da poderosa Comissão Política do partido no poder em Moçambique, antigo combatente com a patente de general e ex-governador da província de Cabo Delgado, onde justamente fica localizada o jazigo de pedras preciosas.

Pachinuapa alega ter adquirido o Direito de Uso e Aproveitamento da Terra da região onde está localizado o jazigo porém os membros do Comité de Gestão comunitária de Namanhumbir descrevem o acto como usurpação da terra do camponês Suleimane Hassane, que como a maioria dos moçambicanos pobres e analfabetos não estão a par dos seus direitos costumeiros sobre terra que ocupam, mesmo sem a legalizar.

Pouco tempo após Raimundo Pachinuapa ter “adquiri-

do” a propriedade a empresa Mwiriti Limitada, onde o histórico general da Luta Armada detém 60 por cento em parceria com um cidadão de nacionalidade iraniana, identificado pelo nome de Asghar Fakhraeali, obteve uma licença para a exploração das minas de pedras preciosas.

Violência, brutalidade e execuções de garimpeiros ilegais

Para inglês ver a multinacional anuncia publicamente que, ao contrário de outros empreendimentos na mine-

homens de uma empresa privada de segurança, moçambicana, e mais de quatro centenas de seguranças privados de uma empresa sul-africana.

De acordo com a empresa de mineração de pedras preciosas os seus seguranças não estão desarmados existindo

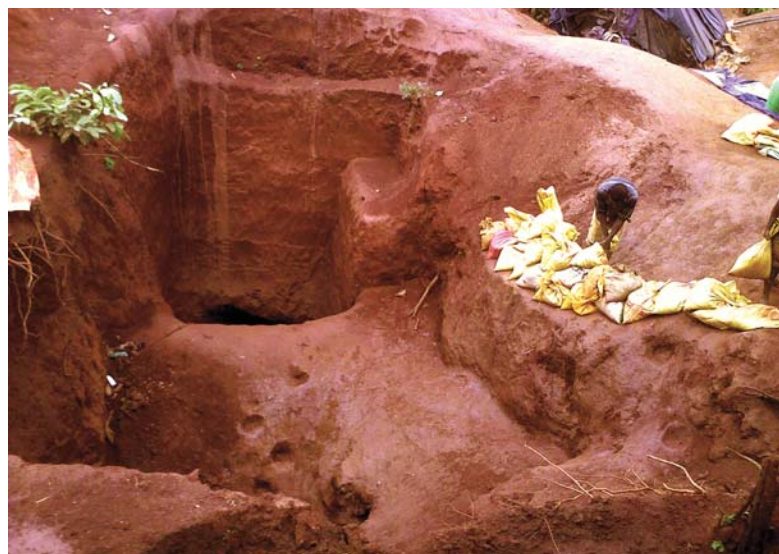


ração em África, a Gemfields pauta pelas boas práticas “definindo novos padrões ambientais, sociais e de segurança no sector das pedras preciosas coloridas”.

Mas o que de facto tem acontecido em Montepuez, paralelamente à exploração oficial de pedras preciosas, e após a usurpação de terra dos camponeses, foi

alguns com pouco mais de uma dezena de espingardas que usam balas de borracha.

Embora a MRM alegue não exercer influência sobre as forças da PRM, cuja missão é guarnecer os jazigos de rubis dentro e fora das concessões da empresa, na verdade providencia a assistência logística as forças governamentais incluindo acomodação.



uma escalada de violência e brutalidade com relatos de execuções de alegados garimpeiros ilegais, a tiro ou simplesmente enterrados vivos.

Para proteção da sua concessão mineira, inicialmente a MRM empregou duas unidades da Polícia da República de Moçambique (PRM), a polícia regional de protecção e a Unidade de Intervenção Rápida (UIR).

Além destas forças a Montepuez Ruby Mining emprega perto de uma centena de

Em comunicado a empresa diz que “categoricamente refuta qualquer dedução, acções, sanções com recurso ao uso violência. Quer por parte da Montepuez Ruby Mining Ltd assim como os seus agentes, empregados ou contratantes não estão envolvidos em actos intimidatórios com recurso a violência contra a comunidade local”.

**Jornalista de investigação moçambicano. Esta investigação teve o apoio do Fundo de Jornalismo Investigativo e foi publicado por Foreign Policy e 100Reporters.*

Moçambola: União Desportiva derrota Maxaquene e mantém liderança isolada; Desportivo de Maputo volta a perder e mantém-se último

A União Desportiva de Songo manteve a invencibilidade no seu relvado, derrotando nesta 12ª jornada o Maxaquene, e continua a liderar o Campeonato Nacional de futebol com um ponto de vantagem sobre o Ferroviário de Maputo, que sofreu para vencer em casa o 1º de Maio, e mais dois do que a Liga Desportiva que também suou para derrotar o Estrela Vermelha. Na última posição continua o Desportivo de Maputo que foi derrotado pelo Chingale, na estreia de João Chissano como seu treinador principal.

Texto: Adérito Caldeira

O Songo está a tornar-se num “ce-mitério” para os adversários da União Desportiva, neste domingo (28) a vítima foi o Maxaquene que podia ter sofrido um goleada não fosse a falta de pontaria dos avançados da equipa treinada por Artur Semedo.

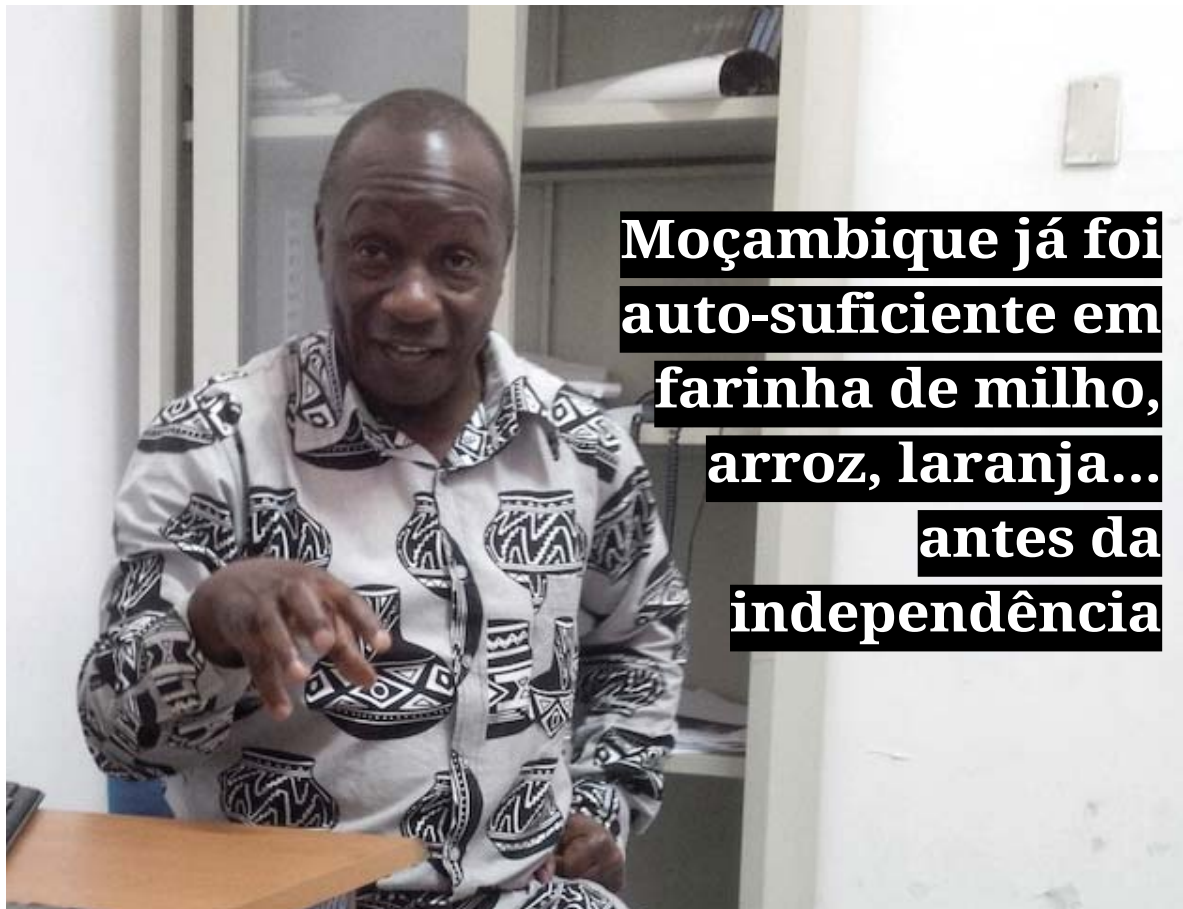
Stélio acabou por encontrar o caminho da baliza, após um bom cruzamento de Banda (minuto 18) e, na 2ª parte, Jerry confirmou a vitória na sequência de uma grande trabalho de Luís, que serviu a bola com mestria.

Os “hidroeléctricos” mantêm-se na frente do Moçambola e a sua defesa é a menos batida da prova que está a três jornadas do término da 1ª volta. Os “tricolores” caíram para a 9ª posição.

Costa do Sol volta a perder pontos em casa

No estádio da Machava, o campeão nacional foi travado durante 90 minutos pelos “quelimanenses” treinados por Vasquinho mas Sassi, em tempo de compensação, conseguiu destrancar a baliza do 1º de Maio e garantir 3 importantes pontos que colocam os “locomotiva” da capital do país a um ponto da liderança, e os representam-

continua Pag. 16 →



Moçambique já foi auto-suficiente em farinha de milho, arroz, laranja... antes da independência

O nosso país que hoje importa até repolho já foi, antes da independência, uma das mais pujantes economias de África produzindo não só comida para o consumo interno mas também para a exportação, “(...) nós não comprávamos farinha milho de fora (...) arroz nós comíamos da província da Zambézia (...) nunca comprávamos laranja da África do Sul (...) éramos o segundo país produtor de copra no mundo”, afirma o professor João José Uthui em entrevista ao @Verdade onde aponta como solução para voltarmos a ser auto-suficientes “desenhar o modelo de desenvolvimento económico que nos permita produzir utilizando a matéria-prima que temos, investir na educação e na agricultura mecanizada”.

Texto & Foto: Adérito Caldeira

continua Pag. 08 →

Ministro da Justiça ameaça processar a Lusa por divulgação de informações sobre alegada vala comum no centro de Moçambique

O ministro da Justiça Assuntos Constitucionais e Religiosos, Isac Chande disse, na sexta-feira (27) passada, que caso não haja provas sobre a alegada existência de valas comum contendo 120 corpos em Gorongosa, na província de Sofala, o Governo vai intentar uma acção judicial contra a Agência Lusa, por ter disseminado tal informação.

Texto: Redacção

Aquele órgão português de comunicação social veiculou que “um grupo de camponeses” teria encontrado “uma vala comum com mais de cem corpos na zona 76, no posto administrativo de Canda, no distrito de Gorongosa”, onde tem havido confrontos militares entre os guerrilheiros da Renamo e os Forças de Defesa e Segurança (FDS). A notícia foi imediatamente redifundida por outros media, nacionais e internacionais, e correu o mundo como um rastilho de pólvora.

“Em face das investigações levadas a cabo pelas procuradorias provinciais de Sofala e Manica, e pelas autoridades policiais locais, com os técnicos ligados ao sector da Justiça, se se chegar à conclusão de que a informação tinha como objectivo denegrir a imagem do país podemos accionar mecanismos de responsabilização”, disse Isac Chande.

“Pelo trabalho realizado até agora, a notícia da existência da vala contendo corpos humanos não corresponde à verdade”, declarou o governante, ajuntando que “do trabalho que está a ser desenvolvido pelas procuradorias provinciais de Sofala e Manica, envolvendo as autoridades locais e comunidades” serão apurados mais elementos.

Nesta segunda-feira (30), a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade inicia uma visita de campo às províncias de Sofala e Manica para também investigar o que se passou.

Aliás, ainda na semana finda, o vice-ministro do Interior disse àquela comissão que em relação aos 15 corpos achados numa zona entre Manica e Sofala está-se a apurar as circunstâncias em que os mesmos foram parar no local, mas o certo é que não são

13 como avançaram alguns governantes, mas 11.

Por conta da suposta existência de uma vala comum na região indicada, a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade ouviu, também na semana passada, o delegado da Lusa em Moçambique, Herinque Botiquilha.

Ele explicou que a informação foi dada a conhecer ao seu órgão, na condição de anonimato, pelos camponeses, tendo mais tarde sido usada de forma abusiva por alguma imprensa nacional e estrangeira.

Segundo Herinque Botiquilha há momentos em que “perdemos o controlo das notícias quando elas são publicadas”. “Entretanto, reiteramos que a nossa responsabilidade é de zelar pelas notícias que estão em nossa posse”.

CA PAZ

A verdade em cada palavra.

Diga-nos quem é o
XICONHOCA
da semana

Por:

BBM Pin: 2B04949C

WhatsApp: 84 399 8634

ou escreva um E-Mail para
averdademz@gmail.com

→ continuação Pag. 07 - Moçambique já foi auto-suficiente em farinha de milho, arroz, laranja... antes da independência

“Eu penso que o grande problema que nós temos é não o que é nosso, nós não produzimos nada” começa por diagnosticar o académico que, quando questionado pelo @Verdade sobre quando é que o nosso país já foi auto-suficiente, diz que a sua perspectiva começa antes da independência nacional pois nasceu e viveu nesse tempo.

“Em 1968, 69 e 70, Moçambique era a nona economia de África, depois dos Países do Magreb, Nigéria, Angola, África do Sul e do Zimbábwe. Alguns miúdos quando digo hoje que a manta que você usam nós já fabricamos, dizem este velho conta sempre anedotas, mas é a verdade. Já produzimos mantas iguais a estas que estamos a ir buscar na África do Sul com o algodão produzido em Nampula. Tínhamos mantas de todas as qualidades, desde mantas para o chão, mantas para militares, para uso em hotéis e até para exportação para Europa. Tínhamos três fábricas de cobertores”, declara Uthui que se escusa de falar nas fábricas de castanha de cajú “porque a amêndoa saía já com o rótulo daqui”.

Ainda relacionada à produção do algodão o nosso entrevista refere que o país produzia vestuário a partir de tecidos produzidos localmente. “Tínhamos a Rioplele, a Texlom, a Soveste, a Texmanta em Mocuba, a Fafezal na Zambézia todos estes eram produtores de tecidos, quer de cordas de sisal de linho, de teia de aranha e de algodão”.

“Por isso é que João Ferreira dos Santos dava dinheiro a todos os camponeses para comprarem os insumos, que ele vendia, lavrava a terra e dizia o teu campo é este mas não vende a mais ninguém, isto é para eu comprar e daí tinham o arroz, a farinha e o caril garantido durante todo o ano porque sabiam que daquela

machamba produziam algodão, e era monocultura. O que é que aconteceu de errado, depois da independência? Não vou aqui falar sobre isso”, acrescenta João José Uthui que é Conselheiro da organização não governamental Grupo Moçambicano da Dívida.

Moçambique nunca comprava laranja da África do Sul

Sobre a produção de comida Uthui recorda-se que “(...) nós não comprávamos farinha de milho de fora, a única farinha que vinha de fora era o trigo para fazer o pão. Havia farinha de primeira, segunda e terceira. O arroz nós comíamos de Musselo Novo, na província da Zambézia. Lopes e Irmãos tinham a fábrica de descasque de arroz em Mucubela na Maganja da Costa, era uma das fábricas. João Ferreira dos Santos em Gaza tinha a fábrica SorGaza, no Xai-Xai. Tínhamos em Angoche três fábricas de descasque de arroz, trabalhavam com arroz produzido aqui”.

Além disso, “Cardiga, que era o dono de gado em Changalane tinha animais que comiam sêmea da fábrica de arroz, produzia carne, depois a pele era usada na fábrica de curtumes aqui. Os nossos sapateiros não iam comprar pele na África do Sul para fazer sapato, e tínhamos também a fábrica (de sapatos) aqui. As lojas de sapatos compravam calçados às fabricas daqui para vender aos moçambicanos” diz Uthui referindo que desconhecem estes factos quem nasceu depois de 1975.

Ademais, de acordo com o professor universitário, Moçambique nunca comprava laranja da África do Sul. “Se for a Manjacaze existe um zona chamada Laranjeira, aquele nome surgiu exactamente porque se produ-

zia laranjas. Não vou falar de Manica ou do Niassa, só aqui do Sul. E as pessoas dali faziam a vida à custa da laranja que se produzia ali, então imagina quanta laranja se produzia”.

“Sabe que nós éramos os segundo país produtor de copra no mundo? E produzíamos sabão, nós nunca comprávamos o sabão fora porque tínhamos aqui a custa da nossa copra, onde foi?”, aponta João Uthui que questionado sobre o que aconteceu depois da independência para que tudo isso se perdesse sugere ao jornalista “explorar para saber o que é que aconteceu para não termos isto tudo”, mas dá algumas pistas.

O projecto agrícola de Mandela para o Niassa

“Eu vou lhe dar um exemplo de um modelo de utilização das terras do Niassa. Quando Mandela (Nelson) entrou para o poder (como Presidente da África do Sul) convenceu o Chissano (Presidente de Moçambique) a utilizar as terras, mandando farmeiros (sul-africanos) para aqui. Porque a intenção de Mandela era de ter a região auto-suficiente em termos de agricultura, e sabia que Moçambique tinha extensões de terra muito grandes ociosas. Fizeram a fotometria, numa avião especializado, alguns farmeiros boers fizeram uma associação, chamada Mozagrius, para trabalhar terra em Majune, eu era um dos indivíduos que estava à frente desse processo do lado da Sociedade Civil”, relata o académico.

Segundo o nosso entrevistado, para materializar este projecto que iniciou por volta de 1996, “Moçambique tinha que entrar com alguns milhões de dólares, e a África do Sul com outros, era uma sociedade de igual para igual. Mandela disse a Chissano

vou-lhe mandar aí 500 farmeiros da Câmara dos Agricultores, você também organiza farmeiros. Chissano disse sim, mas sabia que não tinha farmeiros, tinha camponeses. Mas como ele tinha perspectiva de fazer crescer, o projecto rezava que a cada dois farmeiros brancos sul-africanos existiria um moçambicano, as machambas iriam alternar-se com essa lógica”.

“Sabe o que é que aconteceu, quando as políticas não estão bem desenhadas e os interesses penetram, a selecção dos camponeses (moçambicanos) foi um desastre, por que eu queria meter a minha mãe, para falar em meu nome embora eu não seja farmeiro mas como sei que se vai tirar proveito dali queria meter um meu familiar que ainda por cima não sabia nada de machamba”, explica João Uthui.

“Os sul-africanos nomearam uma economista especializada em economia agrária, para dirigir. A senhora dona Maria veio da África do Sul com a família e instalaram-se no Niassa, no local onde as machambas deveriam ser criadas. A contraparte moçambicana era um economista, não lhe vou dizer o nome, mas vivia em Maputo. Tinha que apanhar o avião para ir ver as machambas, já a senhora Maria está lá e visitava os farmeiros sul-africanos todos os dias” declara o professor acrescentando que “Instalaram-se em Majune, inicialmente, algumas dezenas de farmeiros que vieram com as suas famílias e instalaram as casas de pau a pique. Os camponeses da contra-parte moçambicana, alguns, viviam em Lichinga”.

O projecto não tinha como funcionar, de acordo com Uthui que era um dos implementadores, porque enquanto o farmeiro sul-africano “que vivia em Majune tinha Land-Rover para cir-

cular, tinha máquinas agrícolas, pluviómetro e tinha um silo. Tinha ainda um plasma liga à internet, via satélite, para controlar a variação do custo do quilo dos produtos que iria plantar. O moçambicano não tinha casa em Majune, vivia em Lichinga, não tinha carro para ir para lá, tinha bicicleta, não ia todos os dias, como é que o projecto iria funcionar. E nós dissemos que o projecto ia morrer, alguns dos meus colegas foram ameaçados quando disseram isso. Os boers ficaram zangados e foram-se embora”, conclui o professor universitário.

Como é que Moçambique alcança a auto-suficiência alimentar?

Tendo em conta a experiência de Uthui o @Verdade questionou então como é que Moçambique inverte a situação actual a alcança a auto-suficiência alimentar?

O professor responde, desenhando um “modelo de desenvolvimento económico que nos permita produzir utilizando a matéria-prima que temos, investir na educação e na agricultura mecanizada” porém “tem é que haver vontade das pessoas que estão à frente para pegarem no dinheiro que nos emprestam e investir para produzir”.

Relativamente às políticas que o actual executivo se propõe a implementar para aumentar a produção João Uthui é céptico. “Eu gostaria de ter certeza mas não tenho. Não é só ler nos papéis e estar nos seminários ouvir que existe, eu quero ver a aplicação na terra. No tempo colonial eu não precisava de ler que havia política de produção porque eu via, nunca comi arroz da China, comi agora depois da independência”, conclui o académico.

Mundo

Baciro Djá empossado como primeiro-ministro da Guiné-Bissau, mas a contestação política mantém-se

Baciro Djá tomou na sexta-feira (27) posse como primeiro-ministro da Guiné-Bissau e assegurou ter condições para promover o funcionamento das instituições democráticas do país, após meses de crise. A nomeação está a ser contestada pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e já motivou protestos na capital, no entanto, a zona do palácio presidencial foi evacuada pelas forças de segurança e a cerimónia decorreu sem incidentes.

Texto: Agências

“A legitimidade do governo decorre de uma maioria parlamentar e da responsabilidade perante o Presidente da República. Sem estas duas condições não há o regular funcionamento das instituições”, referiu.

O antigo ministro e deputado dissidente do PAIGC, membro do “grupo dos 15” que em Janeiro se juntou à oposição para formar uma nova maioria, foi nomeado primeiro-ministro na quinta-feira pelo Presidente da República, José Mário Vaz.

Foi empossado pelo chefe de Estado no palácio presidencial perante dirigentes de instituições guineense, nomeadamente militares e judiciais, e perante os diplomatas acreditados em Bissau.

Baciro Djá reconheceu que o PAIGC venceu as eleições de 2014, mas “as dinâmicas posteriores ditaram uma nova configuração parlamentar” deixando o partido “impossibilitado de apresentar uma solução capaz de suportar o governo”.

Ao mesmo tempo, “emergiu uma solução” juntando o PRS e o grupo de 15 dissidentes do PAIGC e a “oportuna interpretação do Presidente da República”. O novo primeiro-ministro saudou ainda o distanciamento das Forças Armadas em relação à crise política.

No discurso durante a cerimónia, José Mário Vaz considerou o dia “inesquecível” por voltar a dar posse a Baciro Djá, nove meses depois.

Da primeira vez, os juizes do Supremo Tribunal de Justiça afirmaram num acórdão que cabia ao PAIGC, como vencedor das eleições de 2014, indicar o primeiro-ministro e não ao Presidente. Mas agora, “só a segunda força mais votada no âmbito da dinâmica parlamentar” conseguiu desbloquear o “bloqueio” na Assembleia Nacional Popular.

“Não é difícil governar o nosso país”, desde que se escolha “a equipa certa” e “o homem certo, no lugar certo”, rematou o chefe de Estado. Baciro Djá tinha sido nomeado para o cargo a 20 de Agosto de 2015, mas acabaria por apresentar a demissão dias depois, a 09 de Setembro, quando o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) da Guiné-Bissau considerou

inconstitucional a sua nomeação.

Na altura, os juizes do STJ afirmaram, num acórdão, que cabe ao Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), como vencedor das eleições de 2014, indicar o primeiro-ministro e não ao Presidente.

No decreto que nomeia Baciro Djá pela segunda vez, José Mário Vaz justificou-se na quinta-feira dizendo que, agora, o partido que venceu as eleições já não tem maioria no parlamento.

Um grupo de 15 deputados, em que se inclui Baciro Djá, afastou-se do PAIGC e juntou-se ao maior partido da oposição, PRS - Partido da Renovação Social, para formar uma nova maioria. “Ape-

nas a solução governativa protagonizada pelo segundo partido mais votado [PRS] mostra garantias de estabilidade até ao fim da presente legislatura”, refere-se no decreto presidencial.

O PAIGC tem acusado José Mário Vaz de ser o percursor da instabilidade no parlamento e defende que a perda de mandato dos 15 deputados dissidentes e sua substituição já foi validada pela justiça, pelo que considera preservada a sua maioria parlamentar.

Agnelo Regalla acusa o chefe de Estado de querer dar posse a um Governo que sabe não ter suporte político, para depois “dissolver o parlamento” e manter em gestão um executivo “à sua imagem”, em vez da equipa de Carlos Correia.

Seis pessoas morrem num acidente rodoviário por excesso de velocidade em Nampula

Pelo menos seis pessoas perderam a vida e outras, em número não especificado, contraíram ferimentos graves e ligeiros em consequência de quatro acidentes de viação ocorridos na semana finda em diversas estradas da província de Nampula.

Texto: Leonardo Gasolina

Os sinistros resultaram do excesso de velocidade e da condução sob o efeito de álcool, segundo Zacarias Nacute, porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula.

Para além de tirar a vida de seis pessoas, os mesmos acidentes causaram danos materiais avultados. Entre as seis vítimas mortais, quatro encontraram a morte nos locais da tragédia e outras no Hospital Central de Nampula (HCN), para onde foram socorridas.

De acordo com Nacute, três automobilistas envolvidos na desgraça encontram-se detidos nas celas do Comando Provincial da PRM em Nampula.

A corrupção em Moçambique tem a cara do Estado e o rosto das meninas e dos meninos que deixam de ser crianças para sobreviverem



Moçambique é um país severamente afectado pela corrupção que é influenciada pelo Governo seguido pelos negócios das multinacionais e os traficantes de drogas, a constatação está patente num estudo apresentado nesta segunda-feira (30) em Maputo, onde “as práticas corruptas são tidas como sendo mais frequentes”, e que revela que “o valor agregado dos custos de corrupção durante o período de 2002 a 2014, a preços correntes, é de 4,8 a 4,9 biliões de dólares norte-americanos”, sem incluir os empréstimos secretos das empresas Proindicus e Mozambique Asset Management (MAM). Porém, para Adriano Nuvunga, do Centro de Integridade Pública (CIP), “a corrupção não são números, tem rostos. E os rostos são as meninas e os meninos deste país que deixam de ser crianças aos 10 ou 12 anos para se dedicar a actividades outras para conseguirem viver”.

Texto & Foto: Adérito Caldeira

continua Pag. 10 →

Hermenegildo Gamito reconduzido a presidente do Conselho Constitucional, órgão que aguarda pela queixa do povo para agir no dossier “dívidas públicas ocultas”

O Presidente da República, Filipe Nyusi, reconduziu Hermenegildo Gamito ao cargo de presidente do Conselho Constitucional (CC), o mais alto órgão de assuntos referentes à constitucionalidade em Moçambique, e que espera por pedido formal para apreciar a ilegalidade ou não das garantias dos empréstimos feitos pelo Estado a favor da EMATUM, Proindicus e MAM.

Texto: Redacção

Hermenegildo Gamito foi reconduzido em resultado de terem transcorrido os cinco anos, renováveis, para se manter no cargo.

A Constituição da República de Moçambique diz que compete ao CC administrar a justiça em matérias de natureza jurídico-constitucional. Entretanto, pese embora a violação da Lei-Mãe e da Lei Orçamental, o assistente dos Venerandos Juizes Conselheiros, Almeida Mabutana, disse ao @Verdade, por correio electrónico, que “nos termos da Lei Orgânica do Conselho Constitucional este órgão, não tem iniciativa/poder de cognição para iniciar a marcha processual com

vista a apreciação de questões de inconstitucionalidade”.

Mabutana acrescentou que a Constituição “arrola as entidades com competência para suscitar a apreciação pelo Conselho Constitucional, de matérias susceptíveis de violação dos dispositivos constitucionais, legais, ou ainda de actos normativos dos órgãos do estado”.

Enquanto o povo não toma tal iniciativa e as entidades a quem compete resolver este caso prevaleçam “amordaçadas”, as irregulares cometidas pelos mentores da EMATUM, Proindicus e MAM seguem impunes.

ACLLN e governadora de Sofala juntam-se ao ministro da Justiça e “atiram-se” contra Lusa e seu delegado

O Secretário-geral da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), Fernando Faustino, deixou transparecer o seu ódio visceral pela Lusa, por ter veiculado que existe uma vala comum contendo 120 corpos em Gorongosa, na província de Sofala, e se dependesse de si o delegado desta agência portuguesa de informação, Henrique Botiquilha, “devia arrumar as suas malas e sair de Moçambique”. Por sua vez, a governadora de Sofala, Helena Taipo, considerou que este órgão de comunicação social denegriu a imagem deste ponto do país e sugeriu que indicasse as suas fontes, o que é contra o preceituado na Lei de Imprensa moçambicana e demais normas que impõem a preservação das fontes.

Texto: Redacção

Fernando Faustino afirmou, em entrevista à Rádio Moçambique, que o delegado da Lusa, “em situações normais, devia arrumar as suas malas e sair de Moçambique, pois em nenhum momento, que a gente saiba, denunciou as atrocidades da Renamo e do seu líder (...)”.

Para o dirigente daquela agremiação social da Frelimo, a referida “vala comum é inexistente”, mas a informação já correu o mundo e choca a todos, por deixar transparecer que o Estado moçambicano promove massacres e as vítimas são enterradas em valas comuns.

“Hoje [Henrique Botiquilha] aparece a dizer que não existem valas comuns. Para ele pensa que basta; os combatentes dizem que não basta. O melhor bastar era amarrar a bagagem dele e dirigir-se para o país de origem, porque em nenhum momento eu ia chegar no Algarve, no Porto, em Lisboa, e dizer que no Algarve existe uma vala comum e depois apareço em público a pedir desculpas; não, não, nós condenamos”, disse Fernando.

Não é a primeira vez que um membro da Frelimo, partido no poder há sensivelmente 41 anos, trata cidadãos estrangeiros

continua Pag. 10 →

Diga-nos quem é o
XICONHOCA
da semana

Por:

BBM Pin: 2B04949C

WhatsApp: 84 399 8634

ou escreva um E-Mail para
averdademz@gmail.com

→ continuação Pag. 09 - A corrupção em Moçambique tem a cara do Estado e o rosto das meninas e dos meninos que deixam de ser crianças para sobreviverem

Alfândegas, Empresa Moçambicana de Atum (EMATUM), sub-facturação das importações dos combustíveis líquidos, processo de aquisição no sector das telecomunicações e também na construção e obras públicas são os cinco sectores “nos quais a corrupção é a mais acentuada” no nosso país de acordo com o estudo intitulado “Os Custos da Corrupção para a Economia Moçambicana” e que foi realizado pelo CIP, em parceria com o Chr. Michelsen Institute (CMI) e o Centro de Recursos de Anti-corrupção U4.

“Há uns anos atrás tivemos uma discussão com o Presidente Guebuza, na altura ainda era possível falarmos sem ameaças, em Londres e nós dizíamos que os salários baixíssimos dos funcionários públicos incentivavam a corrupção. Ele dizia que não”, recordou-se Adriano Nuvunga, director do Centro de Integridade Pública, durante a apresentação do estudo acrescentando que “nós mostramos que a grande corrupção distorce todo o funcionamento da economia e da sociedade, faz com que não haja dinheiro para pagar aos próprios funcionários, e os funcionários têm que sobreviver. Portanto é a grande corrupção, são as decisões grandes que tem reflexos em toda a cadeia da governação e se manifesta através da corrupção”.

De acordo com Nuvunga para agravar ainda mais os danos ao país “(...) a corrupção em Moçambique é muito esterilizante, porque o dinheiro sai, não é investido aqui ainda que se tenha avançado com as construções particulares das pessoas”.

“Se olharmos também, neste

mesmo período, para as possibilidades de crescimento das Pequenas e Médias Empresas o padrão continua o mesmo, ao invés de termos aquilo que os ingleses chamam de entrepreneurs temos os tenderpeneurs. O sector privado fica a espera de tenders (concursos públicos) não se pode dizer, em nossa opinião, que teve efeito positivo só basta olharmos para o que está a acontecer na sociedade para compreender que é como um corpo humano que ficou sem sangue, se expremeu todo o dinheiro e se mandou para fora”, explica o docente Adriano Nuvunga que também é docente universitário.

“(…) As práticas corruptas nas alfândegas (entre 2002 e 2014) podem ser identificadas como a principal causa de dano na economia” concluiu o estudo, realizado ainda antes de se conhecerem as dívidas secretas avalizadas pelo Estado, mas que ainda assim constatou a crescente importância das empresas detidas pelo Estado e das Parcerias Público Privadas “como sedes de corrupção” e aponta o caso da EMATUM como “emblemático”.

“O nosso Presidente é uma pessoa honesta” mas Nyusi “tem que agir”

Questionado sobre se podemos combater ou não a corrupção, o director do CIP afirmou que “os países que o fizeram juntaram três coisas: a determinação política, reformas corajosas, estímulo à produção e desenvolvimento (difícilmente se consegue combater a corrupção sem produzir, ao mesmo tempo o processo produtivo é impedido pela corrupção, não se consegue pôr o sector priva-



do a produzir por causa da corrupção”.

A seu ver “o nosso Presidente é uma pessoa honesta, e isso é um dado muito importantíssimo. Então tem que agir, honestidade é importante mas não é suficiente se não a coloca ao serviço desta acção”, declarou Nuvunga que citou o novo Presidente da Tanzania como “um caso típico de vontade política” para o combate a corrupção. Para o académico, “em todo o mundo as instituições são dinami-

zadas por líderes visionários, são homens e mulheres que em posição de liderança, bastante fortes, que sacrificam muitas coisas para desenvolver as instituições”.

Inquirido sobre como surge a vontade política Adriano Nuvunga não tem dúvidas que “tem que ver com a vontade do líder” e dá como exemplo “o Presidente Samora não roubava e as pessoas não roubavam aqui, os mais velhos que o digam. A vontade dele era essa que não se rou-

basse a coisa do povo e tudo, pouco ou muito, fosse colocado ao serviço do desenvolvimento, de forma correcta ou não mas aquilo que era a dinâmica era essa e as coisas rapidamente mudaram. E a dinâmica hoje é outra, então a questão da vontade é central”.

O CIP enfatizou que o informe da Procuradora Geral da República ao Parlamento, em 2015, não reflectiu o retrato real da corrupção no nosso país pois não mencionou os casos que envolvem grandes figuras do Governo. “É a grande corrupção, feita pelos grandes chefes que deixa passar a pequena corrupção para permitir que não seja questionado. Se você tem um Presidente que não é corrupto você nunca vai falar com ele sobre assuntos de corrupção. É a grande corrupção que se sustenta numa base de corrupção administrativa generalizada para permitir que lhe facilitem as várias operações de prática de corrupção. O inverso não acontece, é sempre a corrupção grande que precisa de deixar que a corrupção pequena aconteça para os seus expedientes funcionarem” clarificou Nuvunga.

O estudo do CIP, em parceria com o CMI e o Centro de Recursos de Anti-corrupção U4, concluiu ainda que “o custo da corrupção em Moçambique não é apenas monetário, económico ou social (...) Quanto mais evidente for a imagem de Moçambique como de um Estado corrupto e de facilitador de tráfico e fluxos financeiros ilícitos, maior será o desafio de os líderes políticos moçambicanos convencerem o mundo do contrário”.

→ continuação Pag. 09 - ACLLN e governadora de Sofala juntam-se ao ministro da Justiça e “atiram-se” contra Lusa e seu delegado

sem decoro.

No ano passado, o constitucionalista francês Gilles Cistac, que vivia em Moçambique há anos e assassinado a 03 de Março, em Maputo, foi considerado “ingrato e mal-educado” à “hospitalidade e ao acolhimento dos moçambicanos”, por ter declarado que à luz do número 04, do artigo 273 da Constituição, a Renamo pode criar “regiões autónomas” nas seis províncias que diz ter ganho nas últimas eleições gerais.

O sentimento de ódio e repúdio em relação aos pronunciamentos de Gilles Cistac, foi manifestado pelo ex-porta-voz da Frelimo, Damião José, segundo noticiou, na altura, a Folha de Maputo, a 19 de Fevereiro deste ano.

“Ele tem a consciência de que está a faltar à verdade (...) com a deliberada intenção de criar confusão nas pessoas em defesa de interesses que ele sabe que são alheios à vontade do povo moçambicano”, disse Damião José, referindo-se a Cistac, que fundamentou que aquela cláusula era suficiente para as pretensões da “Perdiz” e não havia necessidade de mexer a Lei-Mãe, tal como alguns analistas pró-regime defendiam.

Ex-porta-voz da Frelimo perguntou: “Será que o académico Cistac se estivesse na Ar-

gélia ou na França teria a coragem de assumir a postura que tem estado a assumir, que é uma ofensa e desafio aberto à vontade do povo moçambicano?”

Na segunda-feira, a governadora de Sofala, Helena Taipo, disse que as informações sobre a existência de uma vala comum na região de Canda “são infundadas” e não passam de “uma pura mentira” com o “objectivos inconfessáveis”.

Para a governante, que respondia a perguntas da Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade da Assembleia da República (AR), na segunda-feira (30), a Lusa tem de dizer qual foi a sua fonte e deve ser responsabilizada por aquilo que fez, porque “denegriu a nossa província”.

Na semana passada, o ministro da Justiça Assuntos Constitucionais e Religiosos, Isac Chande, declarou que caso não haja provas sobre a alegada existência de uma vala comum na zona indicada, o Governo vai intentar uma acção judicial contra a agência Lusa.

“Em face das investigações levadas a cabo pelas procuradorias provinciais de Sofala e Manica, e pelas autoridades policiais locais, com os técnicos ligados ao sector da Justiça, se se chegar à conclusão de que a

informação tinha como objectivo denegrir a imagem do país podemos accionar mecanismos de responsabilização”, afirmou Isac Chande.

“Pelo trabalho realizado até agora, a notícia da existência da vala contendo corpos humanos não corresponde à verdade”, declarou o governante, juntando que “do trabalho que está a ser desenvolvido pelas procuradorias provinciais de Sofala e Manica, envolvendo as autoridades locais e comunidades” serão apurados mais elementos.

Por conta da suposta existência de uma vala comum na região indicada, a Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade ouviu, também na semana passada, o delegado da Lusa em Moçambique, Herinque Botiquilha.

Ele explicou que a informação foi dada a conhecer ao seu órgão, na condição de anonimato, pelos camponeses, tendo mais tarde sido usada de forma abusiva por alguma imprensa nacional e estrangeira.

Segundo o delegado da Lusa, há momentos em que “perdemos o controlo das notícias quando elas são publicadas. Entretanto, reiteramos que a nossa responsabilidade é de zelar pelas notícias que estão em nossa posse”.

“Chapeiro” e camionista fogem após causarem acidente no qual 14 pessoas ficaram feridas na Beira

Dois condutores, dos quais um se fazia ao volante de um transporte semicolectivo de passageiros e outro de um camião, colocaram-se em fuga depois de protagonizarem um acidente de viação no qual 14 pessoas ficaram feridas, algumas com gravidade, na segunda-feira (30), na cidade da Beira, província de Sofala.

Texto: Redacção

O sinistro aconteceu no bairro do Vaz, por volta das 06h00 da manhã, quando minibus transportando passageiros embateu violentamente contra a parte lateral de um camião carregado de um contentor.

O acidente deveu-se alegadamente à fraca visibilidade. Dos foragidos faz parte o cobrador do minibus e as vítimas foram socorridas, com a ajuda de populares, para o Centro de Saúde da Munhava, tendo seis delas sido transferidas para o Hospital Central da Beira, devido à gravidade das lesões.

O camião manobrava saindo de um parque de estacionamento próximo do local do sinistro, enquanto a viatura que transportava pessoas fazia o trajecto Inhamitua/Maquinhino.

Pai viola filha em Manica

Um indivíduo de 46 anos de idade, cujo nome não apurámos, está a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) em Manica, acusado de abusar sexualmente da sua filha de 13 anos de idade.

Texto: Redacção

O caso aconteceu no distrito de Macate. O indiciado alegou que a rapariga ofereceu-se a ele como retaliação por ter proibido o seu namorado com um jovem supostamente de conduta duvidosa.

O estupro, qualificado como incesto dado o grau de parentesco entre a vítima e o violador, aconteceu com frequência, na casa do visado. Nas palavras do mesmo cidadão, a miúda disse que uma vez que a relação amorosa com o tal jovem era impossível, ela passaria a namorar com o pai.

Num belo dia, “ela tirou toda a roupa e agitou-se nas minhas mantas (...), pediu para eu dormir com ela e fiz as coisas (...)”.

Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no



Poder Judicial quer independência financeira dos políticos para ser capaz de estabelecer as suas “próprias prioridades no combate à corrupção” em Moçambique

Tabela 6: Orçamento e Custos da Corrupção em USD Milhões e em Percentagem

Nome do Sector	Despesas de orçamento / rendimento milhões de US\$ (média 2012-2014)	Custo médio de corrupção milhões de US\$ (2012-2014)	Custo médio em % de despesas de orçamento	Despesa MAX de orçamento de corrupção milhões em US\$ (2012-2014)	Custos MAX em % de despesas de orçamento	Despesa MIN de orçamento de corrupção milhões em US\$ (2012-2014)	Custos MIN em % de despesas de orçamento
Defesa	358	2.4	0.7	2.8	0.8	2	0.6
Assuntos Económicos	1,174	540	46	633.3	54	446.7	38.1
Educação	1,052	10.8	1	14	1.3	7.6	0.7
Protecção Ambiental	34	35	102.6	41.7	122.2	28.3	83.1
Serviços Públicos Gerais	1,797	4163	231.6	4,684.2	260.6	3,641.9	202.6
Saúde	599	17.5	2.9	20.4	34	14.6	2.4
Habituação e Desenvolvimento Colectivo	262	0	0	0	0	0	0
Recreação, Cultura e Religião	72	0	0	0	0	0	0
Segurança e Ordem Públicas	449	28.5	6.3	33.7	7.5	23.3	5.2
Segurança Social e Bem-Estar	341	0	0	0	0	0	0
Total da despesa orçamental	6,138	4,797	78.2	5,430	88.5	4,164	67.8
Imposto /Receita	4,218.2	490.5	11.6	547	13	434	10.3

“Uma criança que viu o pai a ir pagar matrícula a um professor, essa criança está marcada para aprender que se paga para o resto da vida”, a afirmação foi feita por Adriano Nuvunga na apresentação do mais recente relatório sobre a corrupção em Moçambique que constata que actualmente, “a legislação anticorrupção não é aplicada de forma vigorosa”. Porém, de acordo com o Juiz Carlos Mondlane, “a solução para os problemas da corrupção em Moçambique é sem dúvida a Justiça”, no entanto o magistrado admitiu que o Poder Judicial em Moçambique é dependente do Poder Político, pelo menos financeiramente, o que impede o sector de estabelecer as suas “próprias prioridades no combate à corrupção”.

Texto: Adérito Caldeira

continua Pag. 12 →

Tribunal Administrativo de Tete admite violação dos direitos das comunidades pela mineradora JINDAL

O Tribunal Administrativo de Tete admite que a mineradora JINDAL tem estado a violar uma série de direitos fundamentais das famílias camponesas de Cassoca, Luane, Cassica, Dzinda e Gulu, afectadas pelas actividades de exploração do carvão, no distrito de Marara, localidade de Chirodzi, o que levou a Procuradoria da República a exigir o reassentamento das mesmas comunidades numa zona sem perigo de saúde, em Nhamatua.

Texto: Redacção

A Justiça Ambiental (JA), uma organização da sociedade civil moçambicana, diz que “desde o início das actividades da JINDAL até ao presente famílias habitam na mesma área de concessão e exploração mineira”, o que evidencia uma “violação persistente dos direitos e liberdades fundamentais” das vítimas, tais como “a dignidade humana, os direitos sobre a terra, a habitação e o direito ao ambiente (...)”.

Foi neste contexto que a JA intentou acção judicial contra o Estado moçambicano e a JINDAL, e por entender ainda que as comunidades acima mencionadas vivem sem a mínima atenção à dignidade humana num espaço poluído devido à emissão significativa de fumos e poeiras nocivas ao ambiente e à saúde.

“Algumas comunidades, como é o caso da comunidade de Chissica, vivem nas proximidades da mina em exploração”, cedida pelo Governo e que “entrou em funcionamento sem esclarecimentos de or-

dem processual Estudo de Impacto Ambiental, nos termos da lei”.

Num processo descrito como “Providência Cautelar de Intimação para o Comportamento”, número 39/2015/TAPT, submetido ao Tribunal Administrativo de Tete, ao abrigo da Lei número 7/2014, de 28 de Fevereiro, que regula os Procedimentos Atinentes ao Processo Administrativo Contencioso, a JA conseguiu fazer com que as famílias daquelas comunidades fossem reassentadas na localidade de Nhamatua, em Marara.

“No local, as obras de construção das casas para as famílias camponesas afectadas estão numa fase inicial. Tanto é, que em Fevereiro de 2016 estavam em processo de construção as primeiras 10 casas tipo 3, com casa de banho exterior. Pretende-se construir um total de 289 casas. As infra-estruturas necessárias para uma habitação condigna, desenvolvimento social, cultural e económico da comunidade ainda não são notórias”.

De acordo com a organização, a compensação às comunidades afectadas também ainda não foi satisfeita, mas uma inspecção judicial constatou, a 05 de Fevereiro de 2016, que as referidas comunidades vivem no mesmo espaço em que a JINDAL opera.

A JA pediu igualmente ao Tribunal Administrativo de Tete para, de forma urgente, “intimar o Estado moçambicano – através do seu executivo – e a empresa JINDAL a adotar determinado comportamento no sentido de garantir e efectivar os direitos sobre a terra, a habitação condigna, o direito ao ambiente e a compensação e correspondente reassentamento das comunidades em causa”, mas a solicitação foi rejeitada alegadamente porque o Estado é parte ilegítima no processo”.

Ademais, considerou o Tribunal Administrativo, o Estado, “ao celebrar o contrato mineiro com a JINDAL, transferiu da sua esfera jurídica o poder decisório, para além de direitos de fruição e os deveres inerentes para a esfera jurídica desta mineradora”.

Cidadãos estrangeiros expulsos de Moçambique por trabalho ilegal

Texto: Redacção

A Inspeção-Geral do Trabalho (IGT) suspendeu, na semana passada, com efeitos imediatos, 32 cidadãos estrangeiros de nacionalidades chinesa, indiana, sul-africana e tunisina que trabalhavam ilegalmente em diversas empresas das províncias de Maputo, Sofala e Nampula.

A província de Sofala é a que mais ilegais empregava, com 16 estrangeiros que estavam afectos nas empresas Hanhua Shao Eastern Trading (EI), Rong Comercial, EI, Wenfang Madeira Import & Export, Lin Shen Import & Export, Lda e Sheng Xiong Madeira.

Na província de Maputo, a IGT suspendeu os funcionários ilegalmente contratados pelas firmas Puma Energy Moçambique, STEMA e na RH Consulting, e outros três cidadãos em Nampula, nas empresas MGH Comercial e Dolphin Lodge. Os visados são de nacionalidade indiana, segundo um comunicado enviado ao @Verdade.

Para além da suspensão de trabalhadores, as respectivas empresas contratantes serão sancionadas e a IGT exorta às companhias para não contratarem cidadãos estrangeiros para vir trabalhar em Moçambique sem o conhecimento e controlo do Governo.



A verdade em cada palavra.

Diga-nos quem é o
XICONHOCA
da semana

Por:

BBM Pin: 2B04949C

WhatsApp: 84 399 8634

ou escreva um E-Mail para
averdademz@gmail.com

→ continuação Pag. 11 - Poder Judicial quer independência financeira dos políticos para ser capaz de estabelecer as suas "próprias prioridades no combate à corrupção" em Moçambique

"A legislação anti-corrupção está incompleta e as instituições de luta contra a corrupção são fracas, com falta de recursos e lentas em lidar com o julgamento de culpados", indica o relatório apresentado nesta segunda-feira(30), intitulado "Os Custos da Corrupção para a Economia Moçambicana".

Uma conclusão corroborada apenas em parte pela Associação Moçambicana de Juizes que através do seu presidente, o Juiz Carlos Mondlane, destacou que para que a corrupção "seja combatida de uma forma forte e bastante incisiva é preciso que os actores ligados ao sector da Justiça tenham condições para poder enfrenta-la, porque regra geral os agentes da corrupção detêm meios, detêm mecanismos que superam a própria capacidade da Justiça".

"Foi falado aqui da velha questão de haver vontade política para o combate a corrupção, eu digo que a vontade política por excelência pode ser encontrada no quadro legal vigente no país, nós temos que olhar para as Leis que temos. E Moçambique tem um bom complexo normativo, nós temos muito boas Leis. Nós temos Leis para o combate à corrupção boas, temos instituições criadas para o



combate a corrupção, e ao crime em geral também, e temos pessoas teoricamente preparadas para enfrentar este desafio de combate à corrupção e voltamos à velha questão, o que é que está a falhar", questionou-se representante dos Juizes moçambicanos.

"Eu volto a dizer que um dos desejos que nós do sector da Justiça temos é termos uma independência financeira. À semelhança de países como Brasil onde encontramos um Ministério Público que tem orçamento próprio, que é aprovado à margem daquilo que é aprovado pelo Poder Executivo. Se nós conseguirmos em Moçambique ter um orça-

mento próprio, uma independência financeira do ponto de vista orçamental para o sector da Justiça, seremos capazes de estabelecer as nossas próprias prioridades no combate à corrupção muitas vezes à margem daquilo que o Poder Executivo estabelece sobre o Poder Judicial. E neste momento esta é a nossa grande luta", esclareceu Carlos Mondlane que acrescentou que a partir do "dia em que for consagrado a tal independência financeira para o Poder Judicial, e a partir desta independência o poder Judicial vai poder estabelecer políticas e estabelecer de que forma se quer autogerir, a luta contra a corrupção da nossa

parte vai ser um pouco mais eficaz, e não desta forma tímida como eu mesmo reconheço que está a se revelar".

Recursos públicos perdidos devido à corrupção apenas no serviço aduaneiro rondam 1,7 bilião de dólares norte-americanos por ano

Algo que parece uma utopia pois o relatório refere que "Do ponto de vista de economia política, a economia moçambicana pode ser caracterizada como sendo uma economia em que um partido predominante, a Frelimo, estabeleceu o poder hegemónico sobre o Estado, sobre a Economia e sobre os recursos de que o País dispõe".

Presente no evento de apresentação do relatório o economista João Mosca afirmou que "(...) enquanto esta acumulação de riqueza permanecer desta maneira, com base sectores não produtivos, muito dificilmente vai haver redução da corrupção por mais Justiça que possa existir, por mais boa vontade política que possa existir, por mais qualquer outras questões possa haver".

"Se grande parte do sistema, dos actores político e económicos em Moçambique, estão metidos nesta forma de fazer

política, na forma de fazer economia, então como é que isto vai ser resolvido", questionou o Mosca.

Entretanto o relatório elaborado pelo Centro de Integridade Pública (CIP), em parceria com o Chr. Michelsen Institute (CMI) e o Centro de Recursos de Anticorrupção U4, recomenda para o sector de Justiça a necessidade de fortalecer a capacidade institucional e de recursos humanos do Gabinete de Central de Combate à Corrupção, a promoção de cooperação entre a instituição e centros de excelência nacionais e internacionais, o desenho de cursos técnicos para a formação específica em economias anti-corrupção e também a advocacia e medidas do Governo visando aprovar e implementar o plano de acção de 11 pontos do Pacote Legislativo Anti-corrupção.

É que "os recursos públicos perdidos devido à corrupção apenas no serviço aduaneiro de 2007 – 2013, que rondam uma média de 1,7 bilião de dólares norte-americanos por ano, são mais do que suficientes para cobrir o total das despesas na Educação e Saúde, para as quais foi orçado 1,4 bilião de dólares norte-americanos em 2015", apurou este estudo do CIP.

Pai queima mão da filha na Beira por causa dum peixe

Um cidadão cuja identidade não apurámos queimou a mão direita da sua filha, de cinco anos de idade, alegadamente porque roubou um peixe na sua ausência. O facto deu-se há poucos dias no bairro do Vaz, na cidade da Beira, província de Sofala.

Texto: Redacção

O Centro de Apoio Integrado às Vítimas de Violência Baseada no Género naquela parcela do país disse que o progenitor, ora fugitivo, recorreu a um carvão ao rubro para protagonizar tal maldade contra a sua própria filha.

As pessoas mais próximas da família da vítima contaram que o mau-trato aconteceu à noite. A miúda vive com o pai em virtude de este estar separado da mulher, a qual logo que tomou conhecimento da situação aproximou-se para perceber o que se passou.

Desolada, a senhora socorreu a filha para o hospital e disse não encontrar motivos nem explicações para o comportamento cruel do seu ex-marido contra a própria filha.

O Centro de Apoio Integrado às Vítimas de Violência Baseada no Género considera que um progenitor como este não merece ser considerado como tal. Aliás, disse ainda não perceber por que razão a menina vive com o pai, pois sendo pequena ainda precisa sobremaneira dos cuidados da mãe.

Os vizinhos relataram igualmente que a miúda sofre sevícias nas mãos do progenitor, que bate nela constantemente, e no dia em que foi queimada supostamente por ter roubado um peixe não tinha tomado nenhuma refeição.

Condenação de Habré é veredicto histórico contra impunidade em África, diz Amnistia Internacional

O acórdão divulgado na segunda-feira (30) em Dakar (Senegal), condenando o ex-Presidente tchadiano, Hissene Habré, à prisão perpétua, "marca uma viragem decisiva para a justiça internacional e um imenso alívio para dezenas de milhares de vítimas que esperavam por este dia há mais de 25 anos", aplaudiu a Amnistia Internacional (AI) num comunicado publicado no mesmo dia.

Texto & Foto: Agências

No termo do julgamento aberto em Julho último, as Câmaras Africanas Extraordinárias em Dakar condenaram Hissene Habré à reclusão perpétua, devido a acusação de crimes contra a humanidade, crimes de guerra e actos de tortura cometidos durante o seu mandato à frente do Tchad entre 1982 e 1990. As Câmaras Africanas Extraordinárias rejeitaram por outro lado a apreensão dos activos do réu durante o julgamento.

"Este veredicto prova que, quando há vontade política, os Estados podem colaborar eficazmente para pôr termo à impunidade em situações mais complicadas", regozijou-se Gaetan Mootoo, pesquisador sobre a África Ocidental na AI.

A seu ver, são momentos como estes que podem inspirar outras vítimas, ou mesmo incitar a União Africana (UA) e cada Estado africano a seguir este exemplo. Lembra-se que processo judicial contra Hissene Habré arrancou no Senegal a 20 de julho de 2015, graças a depoimentos de 69 vítimas, 23 testemunhas e dez peritos, e que a acusação se baseou em relatórios de pesquisa divulgados pela AI em 1980.

Este combate à impunidade foi longo e duro, registando, no seu desenrola-



mento, duas das vítimas mortas, registadas no intervalo, e cujos filhos e famílias poderão finalmente alegrar-se com o acórdão do tribunal. Esta primeira jurisdição de "competência universal", sediada num Estado africano, e que desembocou no julgamento e condenação dum ex-chefe de Estado africano, perseguido por crimes de direito internacional lança premissas para iniciativas que visem pôr termo à impunidade em África, considera a AI.

Hissene Habré tem o direito de interpor recurso da sua condenação pelas Câmaras Africanas Extraordinárias

que devem igualmente proceder a audiências dedicadas a compensações e instaurar um fundo para todas as vítimas que tenham ou não participado no julgamento.

Para a AI, iniciativas que visem remediar a impunidade por crimes cometidos no Tchad não devem parar aqui. "Importa manter a pressão no Tchad e mesmo noutros Estados, para inquirir outras pessoas acusadas de graves atentados contra os direitos humanos entre 1982 e 1990, nomeadamente massacres cometidos em Setembro de 1984 no sul do país", indicou Gaetan Mootoo.



Boqueirão da Verdade

“Vivemos dias de angústia, daqueles que apenas recebiam o salário mínimo até aos que já ascendiam às camadas médias da sociedade, compravam um apartamento, uma viatura em 2.a mão, os filhos iam à escola com a sua farda, compravam livros (porque os que vão para as escolas oficiais se vendem na rua), pagavam as propinas a tempo e horas, tomavam a sua cervejita e iam ao cabeleireiro. Com a inflação que faz disparar todos os preços, as taxas de juros brutais da banca, as pessoas vivem verdadeiros pesadelos de manhã até à noite. Alguns factores geraram esta situação: A pilhagem das empresas públicas, instituições públicas e dos cofres do Estado pelos variados dirigentes e gestores e o extremo despesismo com os dirigentes do Estado, instituições do Estado, gestores de empresas públicas e instituições públicas”, **Sérgio Vieira**

“A Procuradoria abriu já vários processos. Esperemos que não fiquem a aguardar pelas calendas gregas para os tribunais julgarem. Estamos perante verdadeiros crimes de lesa a pátria, atentados contra a segurança do Estado, terrorismo económico. O Chefe do Estado, o Primeiro-Ministro, o Ministro das Finanças e o Governador do Banco de Moçambique, o país todos a humilharem-se publicamente! Ah não! Obviamente que os gatunos que nos pilharam depositaram os seus roubos bem longe, nos ditos paraísos fiscais, fizeram algumas aplicações em empresas e no imobiliário cá na terra, mas o grosso está bem fora do país. Nada fácil apurar. A pressão do FMI, do Banco Mundial e da União Europeia certamente que ajudará a desvendar os mistérios, se necessário com o apoio da INTERPOL. Se há vontade real há que buscar as pistas que nos levem à verdade e justiça para o país e toda a gente honrada desta pátria que tanto nos custou a libertar e defender”, **idem**

“Do Rovuma ao Maputo sobressai um descontentamento com a carestia de tudo, a impossibilidade de organizar a vida, pagar a comida que se compra, as despesas escolares e de saúde, a renda da habitação, o combustível, o gás para a cozinha, a roupa, o chapa. Nas zonas rurais de um modo geral, salvo o açúcar, sal, óleo pouco se gasta na comida, porém o calçado, a roupa mesmo das calamidades, o transporte, a ida ao hospital ou curandeiro, o medicamento sobe e muito mais que na cidade capital. A austeridade decretada pelo Banco de Moçambique implicou uma subida brutal das taxas de juro da banca comercial. As taxas frias a agiotagem! Lemos um comunicado do

porta-voz do Conselho de Ministros sobre as dívidas, depois das humilhações sofridas pelo Chefe do Estado, o Primeiro-Ministro, o Ministro das Finanças e o Governador do Banco de Moçambique. Uma pergunta salta em toda a parte: Desde quando empresas reais ou fictícias compram barcos de patrulha, radares, armas, aviões, helicópteros, viaturas para as forças de defesa e segurança, armas e munições?”, **idem**

“Não é por acaso que temos hoje simples comerciantes a viverem em majestosas mansões e a colecionarem luxuosas limousines e outros bens de luxo. É a revelação, isso sim, em ponto grande, do que tiram dos nossos bolsos. Nos últimos tempos, quase todos os moçambicanos que vivem de salário queixam-se do elevado custo de vida, mas por aquilo que percebi são poucos os que sabem por que é que de repente passaram a ser homens e mulheres com bolsos ou bolsas furadas. Que a vida está pesada para muitos é um facto inegável”, **Maria Dengo**

Devemos adoptar o estilo dos ocidentais em que uma festa é mais um convívio de pessoas da família e amigos para celebrar juntos uma data especial e não para esbanjar, e assim evitam incorrer em gastos exorbitantes como é prática em muitas famílias moçambicanas. Pessoalmente, já estive em festas que me fizeram recordar as famosas ceias dos tempos do Império Romano, em que os convidados tinham de ir aos vomitórios para vomitar o que haviam comido, para abrir mais espaço nas suas barrigas para poderem continuar a comer porque a comida nunca mais acabava. No lugar de fazermos festas sempre que o pai, a mãe ou os filhos completam anos, poder-se-ia optar por uma única festa de aniversário e nela fazer-se a festa de cada um e todos os membros do agregado familiar. De certa forma, esta prática até dá mais um tom de graça e um ambiente mais festivo do que se gastar muito dinheiro numa única festa de aniversário”, **idem**

“Com este modo de vida, chega-se a poupar muito dinheiro num ano, que acaba servindo para aplicar em coisas mais úteis e prestáveis. É imperioso que cada um de nós conheça de cor e salteado a tese de Honeré de Balzac, de que só quem se priva de certas coisas pode poupar. “Vamos a isso gente”, como dizem os brasileiros, porque sem poupança, não há economia familiar e, sem economia das famílias, o próprio país não pode desenvolver, porque é

do que se poupa que se pode fazer um investimento”, **idem**

“O professor não reclama, porque até os directores das escolas e escolinhas se fazem de representantes ora do Governo, da ONP ou do partido, condiciona a livre expressão do docente, a partir da sua área de jurisdição. Se a ONP é por nós, que venha ao público renovar a sua imagem, melhorar a sua actuação de modo a defender com unhas e garras os direitos do professor, que sempre é espezinhado. Trabalhamos em condições precárias, com turmas superlotadas, sem casa, sem bata, sem subsídio de assistência médica e medicamentosa e exposto a vários problemas que o apoquentam” **António Zimila**

“O que preocupa ao professor é a apetitosa vontade da ONP de, nos momentos difíceis, apartar-se das suas responsabilidades, aparecendo só para fazer cobranças de dinheiro. De que adianta contribuir para pessoas que só querem encher os seus celeiros de dinheiro cavado no mar mais fundo? Por se tratar de uma organização exploratória, nenhum professor recusa pagar as cotas, porque caso contrário, ele é automaticamente excluído do cartão vermelho, com a máxima que diz: “Esse não é nosso”, **idem**

“(…) Os EUA é um dos países que tem as embaixadas mais caras no mundo em termos de segurança, edifício, pessoal, qualidade e quantidade, não vão fazer isso enquanto não tem nada para comer. Os EUA são um país que quando faz um ataque não utiliza cinco aviões, usa dezenas, centenas, milhares de onde vem o combustível, o dinheiro para pagar esses pilotos esse material é fabricado, é verdade que é fabricado lá, mas a matéria prima vem de onde, aqueles indivíduos todos são pagos. Um F-16 com quatro mísseis custa o hospital de Maputo, de onde vem o dinheiro para terem mil aviões desses”, **João Uthui**

“Eles (os EUA) gastam muito dinheiro e eu volto a fazer a pergunta de onde é que os americanos tiram o dinheiro? Será que eles são os super produtores e super vendedores do mundo para terem tanta quantidade de dinheiro que investem nas bases militares, navais, embaixadas e toda presença que têm pelo mundo? É este dinheiro que retiram daqui. De que maneira, os tais modelos económicos desenhados para perpetuar a dependência e retirar sob forma de recurso, sob forma até de massa cerebral, pensadores, tudo. Quando um

cientista moçambicano diz eu casei com uma norte-americana e vai-se embora e fica lá nós até achamos normal, mas aquele cérebro vai trabalhar para eles. Quem investiu para ele estar formado, foi o dinheiro moçambicano mas ele vai trabalhar para eles”, **idem**

“Faz sentido (a dívida da EMATUM, ProIndicus e MAM) em todas as perspectivas menos numa. Pensando num país que precisa se defender, faz sentido. Mas a pergunta é defender o quê? Faz sentido para os fabricantes dos barcos porque têm que ter mercado e os engenheiros de lá não teriam recebido salários todo este ano. E para eles terem um cliente tem que existir um indivíduo que mobiliza o cliente, cria necessidade do cliente para comprar, então faz sentido. Só não faz sentido para nós porque ainda estamos a lutar pelo prato (de comida), não temos dinheiro. Então a nossa prioridade é o prato na mesa, então não faz sentido por causa disso. Porque se tivéssemos prato até quereríamos mais, ir para o alto mar vedar afinal aquele peixe é nosso”, **idem**

“Quem contraiu (os empréstimos) foi a EMATUM mas o Estado viu que eles não iriam pagar e, como forma de renegociar, porque os credores não aceitavam renegociar com a EMATUM, decidiu transformar em dívida soberana (os 500 milhões de dólares norte-americanos). O Estado assumiu directamente antes de ser acionada e renegociou em nome do Estado, porque senão os credores accionavam a garantia. Isso são tudo mecanismos para tentar fugir a alguns controlos”, **José Manuel Caldeira**

“Todas as vezes que lhes for incumbida a responsabilidade de trabalho público ou não, deve ser feito nos termos em que a lei estabelece sob a pena de caírem na situação a que o réu José Faduco ficou sujeito”, **Alexandre Juvo**

“O que me parece extraordinário é o interesse que gera a promoção política. O fascínio pelo poder: é isso que creio que deveríamos repensar. A dimensão que é dada, por exemplo, às eleições para o Secretário da OJM é algo absolutamente desproporcionado. Vejo uma corrente de correspondência por e-mail, vejo páginas de jornais, debates inflamados. Tudo querendo saber quem vence, quem é o novo dirigente. Depois, pouco ou nada se fala sobre o que faz a organização, sobre o que faz o tal novo dirigente. Ganhar estatuto de chefe passou a ser um fim em si. Essa é a mensagem que se consolida e que reproduzimos sem espírito crítico”, **Mia Couto**

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Tina, sou casada e tenho três filhos, eu e o meu esposo nunca tivemos problemas de traição pelo menos como eu pensava e acreditava em tudo que ele dizia. Quando tinha viagens, reuniões e jantares de negócio acreditava, afinal somos casados há 20 anos. Nunca nos faltou nada em casa, mas um dia descobri um par de brincos de ouro bem caros, e perguntei de quem eram? O que fui perguntar?! Só barulho, a partir desse dia piorou, mais saídas ou já não atendia as minhas chamadas. E insultava-me muito até que abri o telefone dele e vi que andava com a colega de trabalho, já há 7 anos. Entao um dia fui ter com a amante, ele falou tudo tudo mesmo mas dizia que já não tinham nada um com o outro, porém eu continuava a ser as mensagens que trocava todos os dias. Falei com ele e diz que não tem nada com ninguém. Simplesmente nega de dizer a verdade, agora tudo que me diz eu já não acredito. E estou a sofrer muito com isto, se ele não tem nada porque ainda tem contacto com a colega?? Tina, vou fazer a minha vida ou fico no meu casamento? Tati

<http://www.verdade.co.mz/pergunte-a-tina/58038>



Zico Machabane kkkkkkkk. ficar no casamento porque não lhe falta nada acho k não é bem assim. conta muito a felicidade dela, não os bens materiais, cavar o problema não diria, tudo tem seu tempo. niguem sustenta duas caras por muito tempo. se a máscara não cai deus arranca.,é o que aconteceu pra ela descobrir os brincos. são 7 anos, já não é amante é uma esposa. hoje em dia lhe trata mal não atende as chamadas dela, onde está o orgulho dessa mulher? tente buscar soluções nos vossos pais padrinhos por aí, mas a decisão final ta ctgo. por mim melhor sofrer sozinha porque um dia passa do k estar com alguém k não te merece... muita força desejo lhe muitas felicidades... · 8 h



Hernestha Stonqueny Cpm emtao ha soluxao pra ty, E dexas

o marido! · 1 h



Zico Machabane Eu não vivo de migalhas, tenho orgulho e esse meu orgulho ninguém deve ferir. não faz sentido tar com alguém k não te faz feliz só porque não te falta nada. pra mim esse homem não lhe merece . quem ama nunca vai te desprezar nunca vai te causar lágrimas de tristeza. ..Hernestha Stonqueny Cpm. meu ponto de vista · 50 min



Geraldo Bff Macie Mana não deixa de ficar com teu esposo por causa de traição, pork nox todos homens como mulher ninguém é fiel, si equi ainda ti dá atenção continua com ele não si preocupe com isso ja custimaste, onde k vai ir vai ser pior k sofrer cm enquanto tas cm pai dos seus filhos Obrigad · 6 h



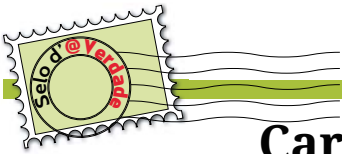
Maria De Fátima Vieira Papo de homem traidor · 39 min



Alexandre Rui Pita Donquene EU te aconselho a ficar no seu casamento, pois cuida bem dele, tenha paciência, peçam conselhos aos vossos padrinhos, pais e tios e verás k vais vencer essa batalha, tenha fé. · 8 h



Carlos Antonio Muianga Querida irma, é uma situação difil realmente mas, acho que deve apenas a limitar se a fjar no seu canto. Continua a fazer as suas obrigaçõe de mulher casada. Desde que ele tome conta de si e as crianças, o resto é uma questão de tempo ele volta. Se entrar em choque vais criar knições de ele ir de vez. Complrya-se como nada estivesse acontecer e evite falar as amigas e a familia. Sei que doe mas tambem passa. · 8 h



Carta à presidente da Autoridade Tributaria de Moçambique

Senhora presidente da Autoridade Tributaria de Moçambique, depois de eu ver uma notícia veiculada pela STV, na qual a senhora informa que a instituição que dirige já não está a tratar o caso da Rio Tinto, atinente às dívidas provenientes das mais-valias, decidi escrever esta carta para ajudar a explicar como funcionam as empresas multinacionais, nos dias que correm.

Senhora presidente, é verdade, sim, que a dado tempo as multinacionais estavam submissas ao Estado e o poder deste sobre elas era predominante. Nessa condição passada, elas ostentavam uma bandeira nacional do país de origem ou domicílio e o Es-

tado, na condição de vítima, poderia muito bem resolver diplomaticamente o seu diferendo com o Estado a que pertencia uma certa empresa, em caso de falta de cooperação desta.

Entretanto, à medida que o tempo transcorreu, estas empresas multinacionais emanciparam-se dos seus estados de origem de tal sorte que hoje figuram como entidades autónomas, com capacidade para, em caso de necessidade, desafiar o próprio Estado, criando uma situação de INTERDEPENDÊNCIA, o que dificulta ou impede, de certo modo, o uso do poder do Estado. Não se trata de deslocar ou retirar o papel do Estado, mas, sim,

demonstrar como ele foi contaminado pelas multinacionais, reconhecendo o novo papel que estas desempenham.

Senhora presidente, na verdade, é bom que as multinacionais também cumpram determinadas normas dos países em que elas operam, daí que tenho a fé de que a Rio Tinto vai honrar com os seus compromissos em Moçambique. Mas elas não farão isso por pressão dos governos da Austrália e do Reino Unido, mas por vontade própria de cumprir as suas obrigações.

Não creio, senhora presidente, que a multinacional a que me refiro se deixaria intimidar pela pressão do governo

Australiano ou do Reino Unido, e nem se deixou pressionar pelo Governo moçambicano, através da Autoridade Tributária. Aliás, nestes casos, o país na condição de “domicílio da empresa” não tem tanta voz, nem poder sobre tal firma. Hoje, as multinacionais constituíram-se como centros internacionais de decisão, à margem dos estados, e com capacidade de se imporem à escala global.

É bom que a questão seja resolvida a nível diplomático, porém, não devia ser uma diplomacia entre estados/governos, mas uma acção com recurso à diplomacia económica/financeira “descentralizada” – entre a Autoridade

Tributária e a Rio Tinto – pois as multinacionais, em uma situação como esta, não negociam com os governos de “origem”, mas, sim, com a sua casa matriz e os países onde estão as suas sucursais.

As multinacionais recebem o tratamento de actores poderosos perante os Estados pela sua capacidade de rivalidade e desafio, de modo que nenhum estado lhes diz o que devem fazer. Por isso, não creio que se deveria advogar que essas companhias tenham ou ostentem a bandeira do seu país de origem. As são muito autónomas.


Por Félix Nhabanga


 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade


Jornal @Verdade


O ministro da Justiça Assuntos Constitucionais e Religiosos, Isac Chande disse, na sexta-feira (27) passada, que caso não haja provas sobre a alegada existência de valas comum contendo 120 corpos em Gorongosa, na província de Sofala, o Governo vai intentar uma acção judicial contra a Agência Lusa, por ter disseminado tal informação.


<http://www.verdade.co.mz/nacional/58112>


 **Juvenal António** Eu concordo com Ministro pois a guerra através de informações é mais terrível do que de armas. Existem muitos agitadores que só querem ver moçambicanos lutando. Essa agência LUSA é de onde gente? Não são esses que nos colonizaram? Waaaaaaa é estranho como alguns moçambicanos dão ouvidos a certas agências e organizações internacionais que só querem nos deixar em confusão e sugerem nossos recursos. · Ontem às 14:36


 **Valentim Jose Capece Truzao** Vixe não tem nada para falar... Kala boka · 22 h


 **Juvenal António** Valentim Jose Capece Truzao: liberdade de expressão significa opinar e o indivíduo pensa. Agora você só se gaba em analisar opinião dos outros sobre o tema na mesa. Cadê sua opinião? O senhor é daqueles que só é certo uki pensa? Eu não vim falar do que você gosta? Ou você faz parte da Agência LUSA? Ou é um assimilado de tuga? · 10 h


 **Derovir Vitor** ministro da justiça...este é um ignorante que desconhece totalmente o que é justiça, portanto já que faz parte deste governo da Frelimo procure sim inteirar totalmente das notícias divulgadas por agências internacionais, porque um país que esconde empréstimos ocultos é um país sem credibilidade perante a comunidade internacional. · 22 h


 **Gildo Afonso** O que é vala comum, sr. Ministro? Quer intimidar a Lusa ou todas as mídias? Em vez de limitar-se em fazer ameaças, preocupem-se em reparar o vosso erro e corrigi-lo. · 23 h


 **António Manuel Claro** A frelimo desde que lhe foi dado o poder já assassinou mais moçambicanos do que em todo o período da guerra colonial!!! A frelimo é um gang de bandidos!!! · 18 h


 **Sebastião Da Isabel** Valentim Tem razão o ministro da justiça porque isso só aumenta agitação do povo que a muito tempo está, mas por outro lado esperamos também ver o mesmo ministro a vir ao público dizer que vai processar os protagonistas da dívida de EMATUM · Ontem às 13:18


 **Cana Brava Alan** Com tantas irregularidades a acontecer no nosso belo país e estamos preocupados com coisas minúsculas... Ate aonde vamos??? Governo que se envergonha · Ontem às 11:18


 **Raul Almeida** porque este ministro não veio ainda a público dizer que vai processar os autores das dívidas escondidas? · Ontem às 11:05


 **Joaquim Carlos Chico Sr.** Juvenal enquanto em África ouve falta de união e igualismo sempre houve confusão e os ratos, os bantos de urubos e as hienas vão se aproveitar das nossas riquezas e nós vamos continuar a ser cada vez mais pobres · 4 h


 **Moises Scossene** Para dizer que mesmo sendo encontrada a vala comum com dois ou cinco corpos a Lusa será processada por causa da quantidade dos corpos que não são 120 · Ontem às 14:26


 **Ramiro Manjate** Primeiro tem que processar os ladrões de bilhões de dólares. Isso


sim, é o que queremos. · 10 h
 **Eduardo Gonçalves** quem foi que provou a inexistência da tal vala comum? se só lá foram entre eles. · 8 h


 **Nordine Ossufo** Vocês são piratas também. Ao invés de investigar o que afunda ou afundou o país, se preocupam com merdas passadas. Vocês nunca vão acreditar a sua existência, pois, vocês também são do mesmo prato. · Ontem às 17:12



 **Valentim Jose Capece** Truzao Uk é uma vala comum? E 2 ou mais corpos cipulados na mesma cova. Existe sim vala cova. Não podem tapar o olho a ninguém. · 22 h


 **Sonil Joanguete** kkkkk... contendo 120 corpos....de facto não constitui verdade... mas que há corpos isso não há dúvidas... · Ontem às 13:55

 **Celestino Massingue** KKKKK O NOSSO GOVERNO EXATAMENTE COM A MALÁRIA MUITAS COISAS QUE PRECISA DE SER CONDENADO MAS NADA. · Ontem às 13:17

 **José Chirindza Jr.** E quando vai processar os autores que levam a falência a perla do indico? · Ontem às 11:22

 **Apolinário Wa Ka** MaBurleza Que tal condenarem o ladrão da ematun? · Ontem às 12:08

 **Mery Jose Madisse** É justo divulgação de informação falsa. ... · Ontem às 11:11
 **Lucas Macanandza** Cada um é responsável pelos seus actos. · Ontem às 12:25

 **Franciscodaniel Manhice** Pra mim o que me resta de dúvida é: o ministro da justiça quer

processar a Lusa por ter alertado aos moçambicanos pela existência de corpos abandonados nas matas de Gorongosa e Manica ou quer processar a Lusa por não ter encontrado a vala comum com 120 corpos? Afinal o que é vala comum? Vala comum é uma cova com 2 ou mais corpos isso chama-se vala comum. · Ontem às 18:56

Mundo

Foto de bebé morto ressalta mais uma semana trágica no Mediterrâneo

Uma foto de um bebé morto nos braços de um socorrista alemão foi distribuída na segunda-feira (30) por uma organização humanitária com o objectivo de pressionar autoridades europeias a garantirem passagem segura a imigrantes diante do temor de que centenas deles tenham se afogado no mar Mediterrâneo na semana passada.

Texto: Agências

O corpo do bebé, que não parece ter mais de 1 ano, foi retirado do mar na sexta-feira depois do naufrágio de um barco de madeira. Quarenta e cinco corpos chegaram ao porto de Reggio Calabria, no sul da Itália, no domingo, a bordo de uma embarcação da Marinha italiana, que recolheu 135 sobreviventes do mesmo incidente.

A organização humanitária alemã Sea-Watch, que opera um barco de resgate no mar entre a Líbia e a Itália, distribuiu a imagem, feita por uma empresa de produção de mídia a bordo, que mostra um agente de resgate segurando o bebé como uma criança adormecida.

Num email, o socorrista fotografado com o bebé, que se identificou como Martin, mas não quis que seu sobrenome fosse publicado, disse ter visto o bebé na água “como um boneco, com os braços esticados”.

“Peguei no bebé pelo antebraço e puxei o seu corpinho para os meus braços na mesma hora para protegê-lo... os braços dele, com aqueles dedinhos, balançaram no ar, o sol bateu nos seus olhos, brilhantes, acolhedores, mas sem vida”, disse.

Martin, que tem três filhos e que exerce a profissão de terapeuta musical, acrescentou: “Comecei a cantarolar para me confortar e para expressar de alguma maneira esse momento incompreensível, de cortar o coração. Só seis horas antes essa criança estava viva”.

Como a foto do menino sírio Aylan, de 3

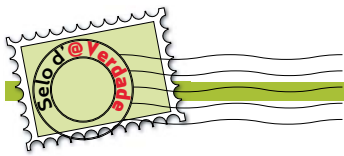
anos, jazendo sem vida numa praia turca no ano passado, a imagem deu uma feição humana às mais de 8 mil pessoas que morreram no Mediterrâneo desde o início de 2014.

Pouco se sabe sobre a criança, que segundo a Sea-Watch foi entregue imediatamente à Marinha italiana. Os socorristas não puderam confirmar se o bebé parcialmente vestido era menino ou menina, e tampouco se sabe se seus pais estão entre os sobreviventes.

A Sea-Watch recolheu cerca de 25 outros corpos, incluindo outra criança, segundo testemunhos da equipe vistos pela Reuters. A equipe da organização disse ter decidido de forma unânime a publicação da foto. “Na sequência desses acontecimentos desastrosos, torna-se óbvio para as organizações envolvidas que os clamores dos políticos europeus para se evitar novas mortes no mar não são mais do que falatório”, afirmou a Sea-Watch num comunicado em inglês distribuído junto com a foto.

Pelo menos 700 imigrantes podem ter morrido no mar na última semana, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) no domingo.

O barco que levava o bebé partiu de praias próximas de Sabratha, na Líbia, no final da quinta-feira, e começou a fazer água, de acordo com relatos de sobreviventes à entidade Save the Children no domingo. Centenas estavam a bordo quando naufragou.



A bancarrota confirma-se

Exmo senhor Nelson Muianga (não sei se merece ser tratado assim), é público que o senhor está a fazer uma limpeza do pessoal afecto à CETA, SA. Para o senhor, gerir uma empresa é o seguinte: DESPEDI-
MENTOS + DESPEDI-
MENTOS + INJUSTIÇAS = GESTÃO.

Lamentavelmente, o senhor tem estado a infringir a Lei do Trabalho, inconscientemente ou por simples emoção. Vários trabalhadores foram expulsos dos seus postos, alguns culpados e outros não.

Insistentemente, foi-me interdita uma conversa como senhor Nelson Muianga numa das visitas que efectuei ao seu escritório, para que pudéssemos encontrar formas de contornar estas lacunas de gestão.

Gostaria de lembrar ao senhor que ninguém está acima da lei. Infringir uma norma quando se trata de trabalho pode significar prejudicar famílias. Quantas pessoas despedidas ficarão sem sonhar com uma faculdade ou saúde condigna devido a estas injustiças cometidas pelo senhor?

O senhor e a sua cúpula enganaram os antigos proprietários da CETA. Nunca antes

tinha havido salários em atraso. Nunca as obras tinham ficado sem materiais para a continuação ou conclusão das mesmas. Mas agora acontece.

Nunca os fornecedores reclamaram tanto das dívidas acumuladas por esta companhia. Que tipo de direcção funciona assim? Todos comentam, em vários lugares, a injustiça e as aldrabices perpetradas pelo senhor.

Os despedimentos que o senhor faz na CETA um dia podem-lhe trazer problemas. As pessoas cansam-se de injustiças. A sua gestão demonstra falta de visão. Gerir a CETA não é gerir uma barraca. O senhor toma decisões debaixo de joelhos, sem fazer uma análise prévia, baseando em suspeitas ou em fofocas dos espíões da INSITEC nas obras. Os espíões que o senhor montou na empresa serão desmantelados.

Senhor Nelson, estou a fazer a minha pós-graduação em psicologia e estou a estudar comportamentos como o seu. Fiquei chocada com a quantidade de pessoal que saiu e que ainda vai sair desta companhia devido à injustiça de certos gananciosos oportunistas,

como o senhor.

Espero que haja mudanças rápidas na firma de modo que se evite publicar as fotos comprometedoras da sua pessoa, sobre as viagens que tem efectuado durante o seu reinado na companhia. Existem também algumas imagens feitas por pessoas que vivem e convivem consigo.

Muita gente está contra o seu tipo de gestão e contra os despedimentos que ocorrem com o conhecimento da INSITEC. Esta firma está condenada ao fracasso. Onde já se viu um PCE abocanhar o sector dos recursos humanos, assinando cartas de demissão de trabalhadores, sabendo que existe um director para esse poleiro.

Onde já se viu um PCE abocanhar a área de compras de uma companhia, existindo directores nesse poleiro. Qualquer dia o senhor será director para todas as áreas da empresa! Senhor, deixa de ser ambicioso... Deixe os outros trabalharem e devia preocupar-se em rentabilizar a empresa de uma outra maneira, em vez de mandar os seus espíões para bisbilhotarem tudo que acontece nos departamentos.

O senhor devia preocupar-se em pagar as dívidas dos fornecedores, em vez de dificultar a vida de pobres coitados. A CETA vai deixar de existir nos próximos tempos, muito por culpa da INSITEC. Os salários já não são pagos dentro do tempo acordado, vários benefícios estão a ser cortados, o que de certa forma cria descontentamento entre os trabalhadores. Coitados os trabalhadores que venderam as suas acções e venderam, consequentemente, a companhia, a humildade, o companheirismo e a sinceridade. Hoje estão arrependidos, mas isto não vai ficar assim.

Não percebo como é que uma obra já ganha, com garantias de andamento e com garantia de financiamento esteja paralizada devido à falta de fundos.

Os gestores que tomavam conta da CETA, antes da INSITEC, pelo menos conseguiam colmatar os problemas atrás mencionados. Não havia atraso de salários, não havia intimidação, havia harmonia e confiança. O que vocês fizeram desde que chegaram à CETA? Nada!

Por Ermelinda Lindo



goste de nós no
[facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

Jornal @Verdade

O nosso país que hoje importa até repolho já foi, antes da independência, uma das mais pujantes economias de África produzindo não só comida para o consumo interno mas também para a exportação, "(...) nós não comprávamos farinha milho de fora (...) arroz nós comíamos da província da Zambézia (...) nunca comprávamos laranja da África do Sul (...) éramos o segundo país produtor de copra no mundo", afirma o professor João José Uthui em entrevista ao @Verdade onde aponta como solução para voltarmos a ser auto-suficientes "desenhar o modelo de desenvolvimento económico que nos permita produzir utilizando a matéria-prima que temos, investir na educação e na agricultura mecanizada".
<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/58114>



Tiago Lousan Em Moçambique a culpa é sempre dos outros. Agora é do FMI. Porque é que não se pensa em mudar a lei do DUATE de forma a permitir que se invista em agro indústria? Porque é que, vindo de Nelspritt até à fronteira, se vêem grandes explorações agrícolas e quando se entra em Moçambique só se vêem terrenos não cultivados? A culpa é do FMI? Porque é que se criam dificuldades tremendas ao investimento estrangeiro que trariam dinheiro para o país, emprego, desenvolvimento e colecta de impostos? A culpa é do FMI? Porque é que o governo tem de ter sempre participação em todos os negócios criando condições para a corrupção como se viu no caso da EMATUM? A culpa é do FMI? Não, a culpa não é do FMI a culpa é do modelo

económico adoptado pelo partido do poder que ainda não compreendeu que um país cheio de recursos mas sem dinheiro não pode viver à custa de empréstimos ao FMI ou a outras instituições mas sim permitir investimento externo que irá trazer formação, conhecimento e receitas em impostos. Ainda andam a pensar na colonização e estão a ser colonizados por dentro por gente sem escrúpulos que vos rouba e fica a dever. No tempo do fascismo em Portugal o Salazar também dizia: "Orgulhosamente sós" - 8 h



Augusto Jesus Sobral Bastos Não podemos culpar os outros países por negligência dos governos que governaram o nosso país. Dou-lhe 2 exemplos o Japão depois da guerra com os estados unidos, passados 15 anos já exportavam

automóveis para o mundo inteiro, incluído Moçambique. Rodésia (Zimbabwe) era um país que se costumava se dizer, o celeiro de África, depois com o governo que lá existe há muitos anos, transformou-se num país dependente. Sabe deixemos de demagogia e temos de ser sinceros, a ideologia socialista comunista aplicada em países nenhum deu resultado. Porque será? - 9 h



Cassamo Aboobacar Isto era possível porque os colonialistas usavam

palmatórias e chicotes no campo para obrigar o pessoal a trabalhar ao ritmo necessário. Hoje esse incentivo não existe e as pessoas trabalham quando querem é como querem. Especialmente no campo onde se rouba produção de quem trabalha e fica-se impune. - 9 h



Carlos Alberto Lopes Curado Porque é que o seu perfil não tem rosto? - 4 h



Caetano Moraes As grandes potências sempre irão influenciar nos governos dos países pobres para que estes continuem cada vez mais dependentes. Hoje temos uma dívida pesadíssima que os próprios credores trataram de ocultar porque os seus representantes cá no país sabiam que o assunto nunca passou do parlamento. Há claramente uma "guerra" pela hegemonia económica, política e militar. Só não vê quem não quer. Os países que não cooperam com as multinacionais têm morte certa. O país depois da

independência teve grandes avanços no sector agrícola. Exemplos: Cogrope, Incaju (castanha de caju), Boror (palmar e gado bovino), Madal (palmar e gado) Loumar (citros) Citrinos de Manica, Choose, Orizicola de Maturuine (arroz), Nanti (arroz), incluindo a produção de sisal, algodão, chá, batata, feijão, milho pelos pequenos agricultores e criadores. Veio o PRE (Programa de Reabilitação Económica em 1987) financiado pelo FMI/Banco Mundial e outro bando de credores e matou todos os programas de desenvolvimento agrícola com suas exigências absurdas (exportação a bruto) e importação de roupa usada (incluindo interior) que matou a nossa indústria têxtil. Tudo em paralelo com a guerra financiada por fantoches estrangeiros. Mais tarde os credores nos deram dinheiro a granel e colocaram seus produtos agrícolas no nosso mercado. Resultado: (quase) todos abandonaram a agricultura e se tornaram endividados e dependentes. - 3 h



Jemisse Baptista E acham que o FMI e o Banco Mundial vão dar esse gostinho a Moçambique? Eles é que desenham os modelos para nos tornarem mais pobres e dependentes. Uma vez lá dificilmente se sai. - 9 h



Paulo Da Silva Ai está o problema, se tivessem apoiado o Khaddafi hoje em dia a África teria o seu próprio banco e seria auto-suficiente. Falta união verdadeira entre os líderes africanos. - 9 h

Pergunta à Tina...

Olá Tina, sou Nelson, espero que esteja tudo indo bem, antes parabenizar a todos os profissionais do AVerdade e dizer obrigado pela atualização online, pois sou moçambicano estudando na diáspora (Portugal) e tenho estado a par de tudo que acontece no nosso País graças à vossa newsletter diária. A minha preocupação é a seguinte: vivo já a alguns anos fora da minha esposa por motivos de uma bolsa e tenho sido sempre fiel a ela, pois só tenho ido apenas a Moçambique nas férias de verão, e, nesse período de ausência tenho frequentemente optado pela masturbação, pelo menos uma ou duas vezes a semana e gostaria de saber se isso eventualmente não poderá afectar a minha performance como homem no futuro? E se este hábito é bom ou mau? Obrigado

Olá Nelson, sinto-me honrada de ser lida não só em Moçambique. A tua decisão de seres fiel a tua esposa não podia ser mais acertada. Sobre a opção pela masturbação, embora diversas sociedades digam ser uma prática imoral e prejudicial, isso não poderia estar mais longe da verdade. É uma experiência de prazer segura e que traz benefícios para o corpo e para a saúde.

Estudos científicos relevam que o sistema imunológico dos homens que se masturbam funciona melhor, outros demonstram que indivíduos que experimentam número maior de orgasmos geram um nível maior de imunoglobulina A (IgA), que é um anticorpo. Existe inclusive uma pesquisa que indica que os homens entre 20 e 50 anos que se masturbam mais de cinco vezes por semana têm menos possibilidade de desenvolver um cancro.

A masturbação também melhora o sono e a liberação de endorfinas e catecolaminas baixa aos níveis de stress e melhora o nosso estado de ânimo. Por isso continuação de bons estudos e continua a ser fiel a tua mulher, apesar da distância que vos separa.

Sou Graciete e quero saber se um infecção urinária pode transformar-se em doença de transmissão sexual?

Querida leitora, tenho a impressão que muitas pessoas confundem a infecção urinária com infecções de transmissão sexual (ITS) por causa de sintomas que podem ser similares. Mas a literatura e informação médica diz que uma infecção urinária não se torna uma infecção de transmissão sexual e também não se transmite de uma pessoa para outra. A infecção urinária é muito mais comum nas mulheres do que nos homens. Assim, pode acontecer que as bactérias que se encontra na urina da mulher, se espalhem pela vagina e vulva, transportando-as para causarem outro tipo de infecções. Estas infecções que se desenvolvem na vagina podem ser transmitidas de uma pessoa para outra. Mais ainda, nas mulheres, as dores que se sentem na bexiga e nos rins podem ser confundidas com as dores que as mulheres sentem na zona pélvica quando se tem alguma lesão interna ou infecção de transmissão sexual. Daí que a pessoa pode também pensar que tem uma ITS quando tem apenas uma infecção urinária. Cumprimentos e não te esqueças de ter uma vida sexual segura usando o preservativo.

→ continuação Pag. 07 - Moçambola: União Desportiva derrota Maxaquene e mantém liderança isolada; Desportivo de Maputo volta a perder e mantém-se último

tes da província da Zambézia novamente na zona de despromoção.

O Estrela Vermelha de Maputo fez de tudo para roubar pontos à Liga Desportiva de Maputo, que voltou a falhar muito no momento de chutar para a baliza, Joseph acertou mesmo no poste na transformação de uma grande penalidade. Zico acabou por salvar a equipa treinada por Dário Monteiro (minuto 77) que continua na 3ª posição só que agora decolou-se do Ferroviário da Beira.

Os “locomotivas” do Chiveve vieram à cidade de Maputo agravar a crise de vitórias do Costa do Sol, que não vence desde a 9ª jornada.

A equipa de Sérgio Faife, que ouviu os adeptos gritarem “rua”, até marcou primeiro por Parkim, após grande trabalho de Nelson pelo flanco direito (minuto 26), mas depois do intervalo Daio restabeleceu a igualdade. Os “canarinhos” de Maputo mantiveram o 11º lugar da tabela.

Greve acabou no Desportivo de Niassa mas os maus resultados continuam

A ENH de Vilanculo voltou a atrasar-se na corrida para os lugares cimeiros, nesta

jornada, após uma viagem de quase dois dias, foram derrotados em Nacala pelo Desportivo.

Emanuel até abriu o placar para os representantes de Inhambane (minuto 11) mas Binó fez o empate, ainda na primeira parte (minuto 31), e Quiquito de calcanhar sentenciou a reviravolta que colocou a equipa treinada por Antero Cambaco na 8ª posição. A ENH caiu para o 5º lugar.

Já o histórico Desportivo de Maputo averbou a sua sétima derrota, a equipa agora treinada por João Chissano não vence desde a 4ª jornada, e neste domingo foi derrotado em Tete. Um defensor ajudou o Chingale a abrir o placar, após cortar para o fundo da baliza um bom cruzamento, e Marlin (minuto 90) sentenciou o resultado final.

Os representantes da província do Niassa acabaram com a greve e compareceram ao estádio 25 de Junho, na cidade de Nampula, mas não conseguiram evitar a sexta derrota desta vez diante do Ferroviário local.

Ekwali abriu o mercado (minuto 30) e Imo garantiu os 3 pontos para a equipa de Arnaldo Salvado que ascende à 6ª posição da tabela classificativa.

Eis os resultados completos da 12ª jornada:

Chibuto FC	0	x	0	Fer. de Nacala
Desportivo de Nacala	2	x	1	ENH Vilanculo
Chingale de Tete	2	x	0	Desportivo Maputo
Fer. de Maputo	1	x	0	1º Maio de Quelimane
Fer. de Nampula	2	x	0	Desportivo de Niassa
Est. Ver. de Maputo	0	x	1	L. Desp. de Maputo
Maxaquene	0	x	2	U. Desp. de Songo
Costa do Sol	1	x	1	Fer. da Beira

A classificação está assim ordenada:

P	Equipas	J	V	E	D	BM	BS	P
1º	União Desportiva de Songo	12	7	3	2	14	3	24
2º	Ferroviário de Maputo	12	7	2	3	15	7	23
3º	Liga Desportiva de Maputo	12	6	4	2	17	7	22
4º	Ferroviário da Beira	12	5	5	2	15	9	20
5º	ENH de Vilanculo	12	5	5	2	11	8	20
6º	Ferroviário de Nampula	12	5	4	3	12	8	19
7º	Chibuto FC	12	4	7	1	10	4	19
8º	Desportivo de Nacala	12	4	5	3	15	11	17
9º	Maxaquene	12	4	4	4	13	13	16
10º	Estr. Vermelha de Maputo	12	2	7	3	11	13	13
11º	Costa do Sol	12	3	4	5	16	19	13
12º	Chingale de Tete	12	3	2	7	10	22	11
13º	Ferroviário de Nacala	12	1	7	4	3	7	10
14º	1º de Maio de Quelimane	12	2	4	6	8	17	10
15º	Desportivo de Niassa	12	1	5	6	2	15	8
16º	Desportivo de Maputo	12	1	4	7	7	16	7

Real Madrid conquista a 11ª Liga dos Campeões europeus

O Real Madrid conquistou neste sábado a Liga dos Campeões de futebol, erguendo o troféu pela 11ª vez, ao impor-se ao rival Atlético de Madrid no desempate por penaltis (5 a 3), na final de Milão, Itália, que terminou empatada 1 a 1.

Texto: Agências • Foto: AP

Os ferros da baliza foram “carrascos” dos “colchoneros”, já que Griezmann falhou um penalti aos 48 minutos, atirando à trave, e Juanfran desperdiçou a única grande penalidade após o prolongamento, com remate ao poste.

Antes, no tempo regulamentar no Estádio San Siro, Sérgio Ramos colocou os “merengues” na frente, aos 15 minutos, mas Ferreira-Carrasto deu o empate ao Atlético de Madrid, aos 79, forçando um prolongamento que nada mudou.

Cristiano Ronaldo, que marcou o penalti decisivo, esteve discreto, Pepe esteve seguro, mas cometeu o penalti desperdiçado pelo francês, enquanto Tiago não saiu do banco do Atlético, que voltou a perder a final para o eterno rival, depois de 2014, em Lisboa.

O Real Madrid foi melhor no primeiro tempo, o Atlético de Madrid reagiu e foi superior no segundo, enquanto no prolongamento ficou marcado pelo desgaste físico que manteve o desafio sem golos, o que obrigou ao inglório desempate.

Os “merengues” foram a única equipa a criar perigo no primeiro tempo, começando num livre de Bale (06 minutos) desviado a meias entre Ben-



zema e Casemiro, com o ex-benfiquista Oblak a defender instintivamente, em cima da linha.

A equipa de Zidane chegou ao golo na sequência de livre de Toni Kroos, na esquerda, com o desvio de cabeça de Bale a deixar a bola na pequena área para o toque final de Sergio Ramos, que surgiu em posição aparentemente irregular.

O Atlético de Madrid não está habituado a sofrer golos de bola parada, nem em ter de assumir o jogo perante adversários da sua dimensão, antes privilegiando os contra-ataques e bolas para as costas da defesa. Esse desafio revelou-se complicado, até porque Zinedine Zidane, campeão europeu no ano de estreia como treinador, baixou o bloco do Real Madrid, retirando assim espaço ao adversário, que não tinha elementos ofensivos capazes de rasgar a sua exemplar organização defensiva.

O desafio manteve a intensidade na disputa da bola, mas a emoção andou arredada do relvado até ao intervalo, com os “colchoneros” a limitarem-se a um remate perigoso de Griezmann (43), mas controlado por Navas.

Após o intervalo e apenas com 53 segundos de jogo na etapa complementar, Pepe travou Fernando Torres em falta na área, um penalti que o francês Griezmann desperdiçou, “estoirando” na trave.

O lance traduzia uma atitude mais competitiva da equipa de Simeone, que, com o “miolo” mais combativo e eficaz, encostou o adversário no seu meio campo e, aos 54, na sequência de um canto, Savic, na pequena área, desperdiçou oportunidade de golo clara.

Aos 59, ataque rápido na esquerda, Ferreira-

-Carrasco cruzou e Saúl, sem deixar cair, atirou ao lado, levando o treinador a pedir apoio dos “colchoneros” que se elevaram, perante um adversário que muito cedo começava a “queimar” tempo.

O jogo avançava e o ímpeto mais ofensivo do Atlético abria brechas defensivas, destacando-se uma abertura de Modric (70) para Benzema, mas o francês, isolado na cara de Oblak, atirou contra o peito do guarda-redes, desperdiçando oportunidade soberana de sentenciar.

Logo a seguir, Cristiano Ronaldo (78) quis fazer bonito e pode ter desperdiçado o 2a 0 na cara de Oblak, com Savic a salvar depois, na linha de golo, a recarga de Bale. O esbanjamento foi fatal, pois na resposta, Juanfran cruzou da direita e Ferreira-Carrasco (79) antecipou-se à defesa na pequena área para igualar um jogo que chegou a prolongamento, no qual o desgaste físico foi mais forte do que a qualidade do jogo.

No desempate por penaltis, Juanfran completou a maldição dos postes e Cristiano Ronaldo tornou-se o primeiro português com três títulos europeus.

Mundo

Quedas de obuses no Centro Hospitalar de Benghazi

Dois foguetes caíram na última sexta-feira (27) no Centro Hospitalar de Benghazi, no leste líbio, causando importantes danos materiais, mas não fazendo vítimas, indicou uma fonte hospitalar.

Texto: Agências

Um segundo obus caiu por volta das 20:00 horas locais de sexta-feira à noite no sétimo andar do segundo edifício do Centro Hospitalar, indicou o director do gabinete de imprensa do estabelecimento hospitalar, Khalil Gueider, sublinhando tratar-se de alojamentos do pessoal hospitalar que não foi ferido durante a queda do obus mas causou danos materiais.

Ainda na sexta-feira, um obus aterrou no interior do Centro Médico de Benghazi, causando importantes danos materiais no segundo pavilhão do hospital, também sem danos humanos, segundo o director do Gabinete de Informação que confirmou que o obus aterrou no interior das casas de banho.

O Exército nacional líbio continua a sua ofensiva contra os grupos terroristas em vários eixos de combates na cidade de Benghazi, onde estes últimos perderam importantes posições.

As tropas do Exército apoiadas pela aviação lançaram vários ataques contra os últimos elementos dos grupos terroristas baseados no centro da cidade, no oeste e no sul de Benghazi.

Conflito na Guiné-Conacri sobre abertura de nova mesquita deixa 59 pessoas feridas

Pelo menos 59 pessoas ficaram feridas na Guiné-Conacri após jovens, frustrados por serem impedidos de presenciar a abertura de uma nova mesquita na cidade de Timbo, enfrentaram a polícia, disseram testemunhas e um director hospitalar no sábado passado.

Texto: Agências

A fim de garantir a passagem de dignitários, autoridades policiais impediram que pessoas sem convite entrassem na mesquita, irritando jovens, os quais atiraram pedras e tentaram invadir, segundo testemunhas.

A polícia respondeu com gás lacrimogénico e revidou com cascates. “Houve um grande enfrentamento entre a polícia e jovens e também nuvens de gás lacrimogénico. Eu vi um senhor velho sendo empurrado pela multidão. Foi sério”, disse Latif Haidera, uma testemunha.

Mamadou Kouyate, director do hospital regional de Mamou, disse que 59 pessoas foram tratadas no seu hospital após o incidente de sexta-feira em Timbo, a cerca de 260 quilómetros a nordeste da capital Conacri.

Cerca de 85 por cento da população de Guiné é muçulmana sunita, e Timbo é considerada um centro do aprendizado islâmico.

Zimbabwe vai libertar presos porque não consegue sustentá-los

O Zimbabwe vai amnistiar centenas de presos para libertar espaço nas prisões e poupar dinheiro. O país enfrenta grave problemas económicos e com esta medida deve reduzir os gastos orçamentais direccionados à manutenção e sustento das 46 prisões.

Texto: Agências

A amnistia será dada a todas as mulheres que não foram condenadas à morte ou prisão perpétua, o que deixou a prisão feminina de Chikurubi vazia - há apenas duas mulheres condenadas à prisão perpétua no país - todos os homens com menos de 18 anos, aos prisioneiros com mais de 60 anos que já cumpriram dois terços da pena e aos prisioneiros com doenças em estado terminal.

Todos os prisioneiros condenados por roubo de gado serão perdoados, mas os condenados por homicídio, traição, violação, assalto à mão armada, carjacking, abuso sexual ou crimes violentos, assim como as pessoas que tenham sido condenadas mais de uma vez, vão continuar presos.

Ao todo, devem ser perdoadas 2 mil pessoas, segundo o jornal do Zimbabwe Herald. A superintendente dos serviços prisionais, Priscilla Mthembo, afirmou que a decisão o governo vai combater a sobrelocação das prisões.

“Nós temos capacidade para receber 17 mil pessoas, mas temos mais de 19.900 prisioneiros”, em 46 prisões. Já foram libertadas 139 mulheres e cerca de 200 homens.

“As pessoas não devem tomar este perdão como garantido”, alertou Priscilla Mthembo, no jornal Herald, avisando que as pessoas devem aproveitar esta “segunda oportunidade” e respeitar as leis do país.

Basquetebol em Maputo: Costa do Sol não consegue travar Ferroviário que ficou a uma vitória do tri

O Costa do Sol quase conseguiu travar a caminhada das “locomotivas” para o título da cidade de Maputo em basquetebol senior feminino, no passado sábado(28), mas acabou por sair derrotado por 42 a 58 pontos do 2º jogo da final. No próximo sábado (04) as “canarinhas” têm de vencer ou ver o Ferroviário a levantar o troféu pelo terceiro ano consecutivo.

Texto & Foto: Adérito Caldeira



Derrotadas no 1º jogo as pupilas de Deolinda Ngulela entraram com a pontaria desafiada e viram as “locomotivas” encestar duas “bombas” antes de conseguirem marcar os seus primeiros pontos.

O Ferroviário controlava o ritmo da final e geria a magra vantagem que era de apenas 21 a 25 ao intervalo.

O Costa do Sol voltou do descanso com vontade de vencer e depois de marcar primeiro empatou o jogo a 25 pontos. As “locomotivas” pareceram ter sido apanhadas desprevenidas e numa perda de bola infantil, na área de defea do Ferroviário, as “canarinhas” fizeram a combalhota no placar.

Mas D.Madgaia, com uma “bomba”, fez nova reviravolta e deu abriu nova vantagem à equipa treinada por Leonel Manhique. As “canarinhas” até defendiam bem mas somaram muitos ataques não concretizados.

Deolinda Ngulela tentava resolver a partida sozinha enquanto do outro lado a bem organizada equipa do Ferroviário voltava a alargar a vantagem que chegou aos 13 pontos à entrada do derradeiro período.

O Costa do Sol reduziu com um triplo a abrir o 4º período mas as “locomotivas” mantiveram a vantagem com dois cestos certos seguidos. Deolinda Gimo também acertou uma “bomba” mas depois faltou calma para voltar a acertar no certo.

Incapazes de encestar em ataques organizados as “canarinhas” também não tiveram pontaria acertada da linha de lances livres e quando, voltaram a reduzir a desvantagem, Ana Jaime mostrou a superioridade “locomotiva” com duas bombas.

O Ferroviário pode revalidar o título da cidade de Maputo já no sábado se vencer o 3º jogo marcado para às 16h30, no pavilhão do Maxaquene, na capital moçambicana.

Basquetebol em Maputo: Ferroviário derrota Desportivo no 2º jogo da final masculina

O Ferroviário de Maputo derrotou, no passado sábado (28), o Desportivo por 73 a 61 pontos no 2º jogo da final masculina do Campeonato da Cidade em basquetebol e está a duas vitórias de se sagrar campeão. Os “alvi-negros” que já não tinham Pio Matos podem ter perdido também Amarildo Matos para o 3º jogo agendado para sexta-feira(03).

Texto & Foto: Adérito Caldeira



Após a derrota no 1º jogo da final, disputada à melhor de sete jogos, esperava-se que Desportivo a jogar no seu pavilhão conseguisse parar o Ferroviário mas Manuel Uamusse abriu o placar e depois com uma “bomba” mostrou que a força dos “locomotivas” que a cada 2 pontos do adversário respondeu com triplos na fase inicial da partida e terminando os primeiros 10 minutos com 9 pontos de vantagem.

No 2º período a equipa treinada por Milagre Macome, que mesmo rodando os jogadores, continuou a mostrar o seu melhor conjunto e a pontaria afinada. Do outro lado os “alvi-negros” continuaram a sentir a falta de Pio Matos, lesionado, na organização do seu jogo e a maior experiência dos seus jogadores acabava por leva-los a tentarem resolver os lances sozinhos mas acabavam por não somar pontos saindo para o intervalo a perder por 37 a 24 pontos.

Depois do descanso os pupilas de B. Manyanga pareciam ter voltando para o tudo por tudo e empatar a final, conseguiram reduzir a desvantagem mas o Ferroviário mostrou ser mais equipa, que conseguiu combinar jogadores mais experientes com uma nova geração de basquetebolistas, e continuou na frente do placar por 52 a 43 pontos.

Os “alvi-negros” abriram o último período com uma “bomba” e com alguns cestos certos de Amarildo e depois de René Manusse conseguiram reduzir a desvantagem para apenas 5 pontos. Mas os “locomotivas” não se assustaram e o capitão Gerson Novela voltou a dilatar a liderança no marcador.

O Desportivo não conseguiu reagir, tentava fazer tudo rápido e saía mal e acabou mesmo por ver um dos seus melhores jogadores, Amarildo Matos, sair lesionado. Para selar a vitória do Ferroviário outro dos irmão Matos, António, acertou mais um “bomba”.

As duas equipas voltam a enfrentar-se na sexta-feira, a partir das 20 horas, no pavilhão do Maxaquene, na capital moçambicana.

COI suspeita amostras de sangue de 23 atletas de Jogos Olímpicos de Londres 2012

O Comité Olímpico Internacional (COI) considerou no passado fim-de-semana “anormais” os resultados das análises das amostras sanguíneas de 23 atletas participantes em cinco disciplinas e os de seis Comitês Olímpicos Nacionais nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012.

Texto: Agências

O COI anunciou num comunicado divulgado no seu site web que, no total, 265 amostras de dopagem escolhidas durante as olimpíadas de Londres de 2012 foram reexaminadas na sequência de informações recolhidas a partir de Agosto de 2015.

“O programa de reexame está em curso e outros resultados são esperados nas próximas semanas”, acrescentou a nota. Recorde-se que o COI anunciou, a 17 de Maio corrente, que 31 atletas poderão ser proibidos de participar nos Jogos Olímpicos de Rio de 2016 depois dos exames das 454 amostras recolhidas durante os Jogos Olímpicos de Beijing de 2008.

Indicou ainda que, por enquanto, uma amostra recolhida em Beijing de 2008

apresenta parâmetros anormais e que o COI e a Federação Internacional de Atletismo vão acompanhar este caso.

“Estes reexames mostram mais uma vez a nossa determinação a lutar contra a dopagem. Pretendemos excluir partidários da dopagem dos Jogos Olímpicos de Rio de Janeiro. É a razão pela qual actuamos rapidamente neste momento. Já nomeei uma comissão disciplinar que terá plenos poderes de tomar todas as medidas em nome do COI”, declarou o presidente da instituição, Thomas Bach.

O COI indica que os reexames das amostras recolhidas em Beijing 2008 e em Londres 2012 foram tratadas em conformidade com os recentes métodos de análise científica. “Estes méto-

dos enquadram-se nos esforços do COI para livrar o atletismo dos batoteiros excluindo-os dos Jogos de Rio de Janeiro de 2016 para preservar a integridade da competição. Os reexames seguem-se ao trabalho efectuado pela agência mundial antidopagem e pelas federações internacionais que já iniciaram em Agosto de 2015. Estão a ser passados à pente fino principalmente atletas que eventualmente participarão nos Jogos Olímpicos de Rio 2016”, indica o comunicado.

Segundo a nota, os atletas e os Comitês Olímpicos Nacionais em causa já estão informados devendo depois iniciar perseguições contra os mesmos. “Qualquer atleta acusado de ter violado as leis antidopagem será excluído dos Jogos Olímpicos de Rio de 2016”, avisou o COI no seu texto.

Mundo

Principal companhia aérea da América Latina suspende voos para a Venezuela

A Latam Airlines, maior grupo de transporte aéreo da América Latina, disse na segunda-feira (30) que suspendeu temporariamente os seus voos com destino e saindo de Caracas, na Venezuela, devido ao complexo momento económico na região, que motivou um ajuste nas suas operações.

Texto: Agências

A decisão da Latam acontece pouco depois da alemã Lufthansa anunciar a suspensão dos seus voos para a cidade por não poder repatriar os seus lucros em dólares obtidos na Venezuela.

“As empresas do grupo Latam consideram a Venezuela um mercado relevante e por isso trabalham para retomar essas operações o mais rapidamente possível e quando as condições globais o permitirem”, disse a companhia em comunicado.

A Venezuela, dependente de importações, enfrenta uma grave crise económica, com falta de abastecimento de bens essenciais, e elevada inflação, que em 2015 chegou aos 180%, devido à falta de divisas estrangeiras à baixa do preço do petróleo.

O país encontra-se também a braços com uma crise política desde o início de 2014, acentuada com a vitória da oposição nas legislativas de dezembro de 2015. A oposição pretende a organização de um “referendo revogatório” para destituir o presidente venezuelano Nicolás Maduro.

Pilotos e petroleiros entram em greve e agravam crise na França; governo busca acordos

Os pilotos da companhia aérea Air France votaram a favor de uma greve na segunda-feira (30) e trabalhadores de unidades de armazenamento de petróleo prorrogaram uma paralisação, agravando as preocupações do Governo francês no momento em que luta para conter as greves em esquema de rotação contra reformas da lei trabalhista às vésperas do Campeonato Europeu de futebol.

Texto: Agências

Depois de mais de três meses de conversas tensas, manifestações de ruas às vezes violentas e ondas de greves nas indústrias de transporte e energia, o gabinete socialista sofre pressão para encontrar uma solução antes do início da país importante prova de selecção de futebol do “velho continente” no dia 10 de Junho.

Enquanto a França se prepara para greves de ferroviários em todo o país na terça-feira, pessoas envolvidas nas conversas disseram que a estratégia do Governo é pressionar por acordos com empresas caso a caso, como a SNCF, estatal do sector ferroviário, para tentar conter o ímpeto por trás dos protestos. “O Governo está a pressionar para haver acordos”, disse uma autoridade sindical a par das negociações, pedindo anonimato devido ao sigilo das negociações.

O semanário Le Journal du Dimanche citou uma pessoa próxima do presidente francês, François Hollande, que teria confirmado a abordagem governamental, assim como um parlamentar socialista que falou à Reuters sob condição de anonimato. “O governo precisa disso de qualquer maneira para encontrar uma saída”, afirmou outra fonte familiarizada com as conversas.

O primeiro-ministro francês, Manuel Valls, que insiste que o governo não irá desistir da lei, conversou com líderes sindicais por telefone no sábado e disse-lhes que pode estar aberto a algumas mudanças, mas não nos elementos centrais da legislação.

A ministra do Trabalho da França, Myriam El Khomri, reafirmou nesta segunda-feira que o Palácio do Eliseu irá adiantar com a lei que ela elaborou – e que já foi atenuada. Segundo ela, as negociações com o SNCF e com a operadora do metrô de Paris, RATP, a respeito das condições de trabalho representaram uma oportunidade para os sindicatos “assumirem suas responsabilidades”.

As conversas com o SNCF durante o final de semana fizeram progresso, disse Luc Bérille, secretário-geral do sindicato pró-reforma UNSA, à Reuters. Guy Groux, pesquisador do instituto político Cevipof, afirmou: “Se surgirem acordos no SNCF ou no RATP, isso pode pôr fim aos protestos, ou pelo menos enfraquecê-los.”

Governo interino do Brasil perde segundo ministro em 17 dias

Fabiano Silveira, o ministro da Transparência, Fiscalização e Controlo, ministério que abriga os órgãos mais importantes de combate à corrupção, é a segunda baixa no governo interino do Brasil, apenas uma semana depois de ter sido afastado Romero Jucá, que comandava o Planejamento, e 17 dias após a tomada de posse da equipa do Presidente em exercício Michel Temer, do partido PMDB. Em causa, novas escutas em torno da Operação Lava-Jato.

Texto: Agências

Investigado na operação que lida com o escândalo de corrupção na Petrobras, Sérgio Machado, presidente da Transpetro, uma subsidiária da petrolífera, gravou conversas com políticos influentes do partido que o indicou para a função, o partido PMDB, entre Fevereiro e Abril, para reduzir a eventual pena na Lava-Jato através de uma delação premiada, expediente usado habitualmente por Sérgio Moro, juiz do processo em primeira instância.

Entre os políticos flagrados estão o ex-ministro Romero Jucá, que não resistiu politicamente à gravação, o antigo presidente José Sarney e o presidente do Senado Renan Calheiros, padrinho político do ministro da Transparência.

É numa gravação na residência oficial de Calheiros que surge a voz de Silveira, então ainda membro do Conselho Nacional de Justiça, a enumerar as diligências por ele efectuadas e a acertar as táticas para livrar o padrinho político dos investigadores da procuradoria-geral da Republica, a quem faz fortes críticas.

Silveira não nega a conversa. “O ministro esteve

só de passagem na residência oficial do senado, não tem relação com Sérgio Machado, nunca tentou obstruir ou interferir em nenhuma operação”, reagiu a assessoria do ministério em nota.

Ao longo do dia, foi noticiado que Temer poderia demitir Silveira a qualquer momento. O influente jornal O Globo publicou um editorial a meio da tarde a dizer que não restava alternativa ao presidente em exercício se não aplicar a “receita Jucá” a Silveira. E outros meios de comunicação social já especulavam nomes de eventuais sucessores. À noite, o ministro acabou mesmo por pedir a demissão.

Temer sentia que o afastamento imediato de Silveira irritaria Renan Calheiros. E o governo precisa do Senado, que Calheiros lidera, para aprovar as medidas económicas austeras que vem preparando e para garantir o impeachment de Dilma Rousseff nos próximos meses.

Para Temer ser confirmado Presidente da República precisa do voto pela destituição da antecessora de 54 de 81 senadores, sendo que na votação do passado dia 11 somou o apoio de 55, apenas

mais um do que o necessário. Mas a situação estava a tornar-se insustentável: nesta segunda-feira dois senadores, Álvaro Dias (partido PV) e Cristovam Buarque (partido PPS), se terem pronunciado a favor da demissão. Ambos votaram pelo impeachment há menos de 20 dias.

Entretanto, o chefe regional do Rio Grande do Sul do ministério da Transparência colocou o lugar à disposição por “perda de confiança” no ministro. Cláudio Corrêa diz que os outros 25 chefes estaduais farão o mesmo. E em Brasília funcionários ligados ao ministério lavaram as escadas da sede de onde trabalham em protesto contra Silveira, que foi impedido de entrar no prédio, e exigindo o regresso da “Controladoria Geral da União”, a anterior nomenclatura da pasta.

Em Minas Gerais, um ex-secretário de Antonio Anastasia (PSDB), antigo governador do estado e autor do relatório que conduziu o impeachment de Dilma Rousseff no Senado, foi detido por desvio de dinheiros públicos. Nárício Rodrigues da Silveira é um antigo jornalista, filiado no partido PSDB e deputado eleito por Minas Gerais.

Quase 46 milhões vivem como escravos; Coreia do Norte e Índia lideram, mostra índice global

Quase 46 milhões de pessoas ao redor do mundo vivem como escravas, com o maior número na Índia, mas a maior prevalência ocorre na Coreia do Norte, de acordo com o terceiro Índice de Escravidão Global divulgado na terça-feira (31).

Texto: Agências

O índice, do grupo de direitos humanos sediado na Austrália Walk Free Foundation, aumentou a sua estimativa de pessoas nascidas na escravidão, vítimas de tráfico para trabalhos sexuais, ou presas em servidão por dívida ou em trabalho forçado de 35,8 milhões em 2014 para 45,8 milhões.

Andrew Forrest, fundador da Walk Free, disse que o aumento de quase 30 por cento foi por conta da melhoria na

colecta de dados, embora tenha medo de que a situação esteja piorando com deslocamentos mundiais e imigração, que aumentam a vulnerabilidade de todas as formas de escravidão.

Forrest, bilionário australiano da mineração e filantropo, pediu para empresas verificarem as suas cadeias de suprimentos por exploração de trabalho, dizendo que encontrou milhares de pessoas presas em escravidão produ-

zindo bens para a sua companhia Fortescue Metals Group.

“Mas alguns dos maiores empreendedores do mundo olharam nos meus olhos e disseram que não vão procurar por escravidão caso eu encontre”, disse na divulgação do índice, em Londres.

O actor australiano Russell Crowe, que interpretou o imperador romano que se tornou o escravo Maximus no fil-

me “Gladiador”, de 2000, descreveu a condição de pessoas “em nossas comunidades que estão paradas, sem ajuda e presas em um ciclo de desespero e degradação sem escolha e sem esperança”.

“Como actor, minha função geralmente é mostrar a emoção humana crua, mas nada se compara com as vidas de pessoas reflectidas nos relatos publicados hoje.”

→ continuação Pag. 05 - Mais corpos encontrados ao abandono no centro de Moçambique

que Edson Macuacua, presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da Assembleia da República (AR), disse a jornalista em Sofala que das investigações feitas concluiu-se que de forma “forma categórica, inequívoca e definitiva que não há uma vala comum em Canda”.

Por sua vez, o secretário-geral da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), Fernando Faustino, deixou transparecer que se dependesse de si o delegado da Lusa, Hérinque Botiquilha, arrumaria “as suas malas e sair de Moçambique”, por ter veiculado que existe uma vala comum com 120 corpos em Gorongosa.

Quem não quis ficar atrás é também a governadora de Sofala, Helena Taipo, ao considerar que aquele órgão de comunicação social denegriu a imagem de Sofala, tendo sugerido que indicasse as suas fontes, o que é contra o preceituado na Lei

de Imprensa moçambicana e demais normas que impõem a preservação das fontes.

Aliás, as autoridades moçambicanas, sobretudo a Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e Legalidade da Assembleia da AR parecem ter esquecido de que a cadeia de televisão internacional Al-Jazeera também difundiu o mesmo assunto e deslocou-se ao sítio onde foram localizados cadáveres abandonados e, três semanas após terem sido descobertos, ainda havia restos humanos à superfície, segundo indicou a Lusa.

As imagens da reportagem da Al-Jazeera mostraram vestígios dos cadáveres visíveis, incluindo uma caveira e larvas sobre restos humanos. “Apesar de as autoridades moçambicanas terem anunciado que os corpos foram enterrados, as imagens exibem uma sepultura colectiva feita com uma pequena camada de terra sobre cadáveres, sem os tapar por completo”.

Falsificação de bebidas alcoólicas acaba com detenção do fabricante em Maputo

Um cidadão encontra-se detido na capital moçambicana, desde a semana finda, acusado de falsificação e venda de bebidas alcoólicas, de marca “Tentação” e “Boss”, negócio com o qual assume ter amealhado pelo menos 60 mil meticais após comercializar mais de mil garrafas.

Texto: Redacção

O visado, que alega ter enveredado por este caminho devido ao desemprego, foi neutralizado quando tentava transportar um tambor do mesmo produto para a sua residência em Maputo, com o propósito de proceder ao enchimento e posterior distribuição aos seus potenciais clientes.

O cidadão contou à Polícia da República de Moçambique (PRM) que já trabalhou numa fábrica de bebidas espirituosas e vinhos, na capital do país, mas depois de ficar hospitalizado por conta de um acidente no seu posto de trabalho ficou sem ocupação que lhe garantisse renda.

Preocupado com a sobrevivência e o futuro da sua família, segundo ele alegou, pensou no que fazer, tendo optado por dar continuidade, não obstante de forma ilícita, ao seu ofício de fabricante de bebidas alcoólicas. Com uma parte do dinheiro da sua indemnização adquiriu recipientes para o enchimento com o produto em alusão.

De acordo com o indivíduo, a matéria-prima era adquirida na antiga fábrica onde trabalhou e contava com o apoio de um amigo para o efeito. Ou seja, o seu fornecedor roubava os recipientes e as respectivas tampas, bem como as estampas e embalagens do armazém do patrão. Por cada 20 litros de álcool, o falsificador ora confesso, produzia 60 litros, e disse que conseguia o mesmo teor alcoólico e volume das bebidas verdadeiras.

A Polícia recolheu igualmente às celas o proprietário da viatura usada para transportar o produto em questão, pese embora ele tenha se defendido, justificando que não tinha como recusar prestar serviços porque depende disso para sobreviver.

De referir que, em 2013, O Governo aprovou um instrumento que regula a Comercialização e Consumo de Bebidas Alcoólicas no país, e que proíbe o acondicionamento, venda e exposição de bebidas alcoólicas em recipientes plásticos.

OBITUÁRIO:

Alvarito de Carvalho
21/06/1976 - 30/05/2016 • 40 anos

O Alvarito de Carvalho era um repórter de mão cheia



Conheci o Alvarito de Carvalho na redacção do semanário Savana, onde trabalhamos juntos, entre 2001 a 2005, se não me falha a memória.

Texto: Luís Nhachote

Nesse período, vi o desabrochar das suas virtudes de um incansável repórter. Voltaria a cruzar-me com ele no Zambeze, para onde ele migrara, há cerca de uma década. Um facto marcante: No dia 01 de Maio de 2008 fui co-autor de uma matéria que fez manchete neste semanário, com os colegas Fernando Veloso e Alvarito Carvalho, em que questionávamos uma bizarrice de um “erro da constituição de 1975” feita pela onnipotente Frelimo e, a figura no centro do furacão era nada mais, nada menos que Luisa Diogo, então primeira-ministra.

No dia seguinte, portanto, 02 de Maio, uma sexta-feira, uns solícitos funcionários da Procuradoria-Geral da República (PGR) da Cidade de Maputo chegavam à sede do Zambeze com as notificações para que na segunda-feira, dia 05, estivéssemos lá SEM FALTA.

No fim-de-semana que antecedeu a nossa audiência, a Comissão Política (CP) do partido dos “camaradas” estivera reunida e disse o jornal “Domingo” dera conta. O tema de capa que deu azo para que fôssemos intimados tinha sido motivo de discussão e, lá se reafirmou “o apoio da CP à camarada primeira-ministra”.

Na PGR fomos tomar conhecimento de que éramos acusados pelo ministério público de “ATENTADO CONTRA A SEGURANÇA DO ESTADO”!!! Em Agosto desse ano fomos julgados. O tribunal que nos julgou sentenciou uma pena de seis meses de prisão convertidos em multa.

Caiu, entretanto, por terra a acusação de atentado à segurança do Estado e o pedido de indemnização do Ministério Público. O julgamento foi realizado à porta fechada mas a leitura da sentença foi pública, muito embora não tenha sequer sido permitido aos jornalistas presentes tomarem notas enquanto este decorria.

Durante essa travessia, vi um Alvarito não abalado com o processo, pois tinha a forte crença de que estamos a prestar um serviço público, de valor noticioso. Alvarito de Carvalho deixa um legado de busca incessante da verdade, típico dos repórteres de mão cheia que incomodou poderes tentaculares.

Malawi proíbe bruxaria para tentar impedir assassinatos de albinos

O Supremo Tribunal do Malawi proibiu qualquer prática de bruxaria no país para tentar pôr fim à onda de ataques contra os albinos, que são assassinados e mutilados para utilizar partes do seu corpo em poções e rituais, informou nesta quinta-feira a imprensa local.

Texto: Agências

O Tribunal emitiu a decisão depois de um grupo em defesa dos direitos dos albinos ter apresentado um requerimento perante o crescente número de ataques no Malawi, onde 18 albinos foram assassinados desde o ano passado.

O juiz Dingiswayo Madise detalhou que esta medida restringe a actividade de bruxos, curandeiros, adivinhos ou qualquer pessoa que pratique a magia. Além disso, ordenou à imprensa local que elimine qualquer tipo de publicidade na qual se ofereça serviços de bruxaria.

O Malawi, onde continua muito viva a crença de que os ossos dos albinos têm poderes mágicos, viveu recentemente vários protestos em apoio à

comunidade albina, que nos últimos meses sofreu um grande número de ataques.

O último deles ocorreu na semana passada, quando foi encontrado o corpo de um homem albino com as extremidades mutiladas. Outro caso comoveu a população em Abril passado, quando acharam o crânio, os dentes e a roupa de uma rapariga albina de dois anos que foi sequestrada enquanto dormia com a sua mãe na cidade de Chiziya, no centro do país.

Durante os protestos, os manifestantes criticaram as autoridades do Malawi e o especialista da ONU em direitos das pessoas com albinismo, Ikponwosa Ero, a quem reprovam

que não esteja a dar nenhuma protecção a esta comunidade.

Apesar das penas internacionais contra estes assassinatos e as promessas das autoridades nacionais de intensificar a protecção à comunidade albina, os ataques continuam a atemorizar os cerca de 10.000 albinos que vivem no Malawi, um dos países mais pobres do mundo.

A ONU advertiu no ano passado que os ataques e assassinatos de albinos tinham aumentado em vários países da África Ocidental, onde as pessoas que sofrem esse transtorno genético vivem cada vez mais no terror, evitam sair das suas casas e as crianças vêem-se forçadas a abandonar a escola.

Número de mortes provocadas pela Sida cai 26% nos últimos 5 anos, segundo a ONU

O número de mortes provocadas pela Sida caiu 26% nos últimos cinco anos, graças ao facto de 17 milhões de pessoas em todo mundo estarem a receber tratamento anti-retroviral, indicou um relatório apresentado na quarta-feira (01) pelo Programa das Nações Unidas para a Luta contra a Sida (Unais).

Texto: Agências

A cobertura do tratamento contra o VIH cresceu ao nível global, especialmente na região mais afectada - sul e leste de África - onde o acesso aos anti-retrovirais passou de 24% em 2010 para 54% em 2015, o que possibilitou auxiliar mais de 10 milhões de pessoas.

“Pedimos a todos os países que aproveitem essa oportunidade sem precedentes para iniciar os programas de prevenção e tratamento contra a Sida com o objectivo de pôr fim à epidemia em 2030”, afirmou o director-executivo da Unais, Michel Sidibé, durante a apresentação do relatório em Nairóbi, capital do Quénia.

A redução da mortalidade foi maior entre as mulheres (33%) em relação aos

homens (15%). Segundo o documento, isso ocorreu porque os homens iniciam o tratamento de forma mais tardia. Por outro lado, a quantidade de contágios praticamente não variou nos últimos anos.

Em 2015, de acordo com a Unais, foram registadas 2,1 milhões de transmissões da doença. Na África Subsariana, 25% dos novos contágios ocorreram entre as jovens. O índice sobe para 56% entre as mulheres de forma geral.

“Isso ocorre devido às desigualdades de género, o acesso insuficiente à educação e serviços de saúde sexual e reprodutiva, além da pobreza, da insegurança alimentar e da violência”, indicou o relatório do órgão das Nações Unidas.

A Unais reiterou que a luta contra a Sida tem que dar maior ênfase aos trabalhadores sexuais, consumidores de drogas injectáveis, presos, transexuais e homossexuais, já que esses são os grupos que estão expostos a um maior risco de contágio.

“Acabar com a discriminação que ajuda (na propagação) da Sida é um dos desafios mais difíceis que nós enfrentamos, mas também um dos mais importantes”, lembrou Sidibé.

Na próxima quarta-feira, a Assembleia-Geral da ONU vai-se reunir em Nova Iorque para abordar as novas estratégias para tentar acabar com a epidemia da doença até 2030, um dos objectivos da nova agenda para o desenvolvimento.

Greves na França interrompem comboios, mas paralisação de controladores aéreos é evitada

Greves interromperam metade dos serviços de comboios na França na quinta-feira (02), mas as tentativas dos sindicalistas de ampliar os protestos contra reformas trabalhistas com a adesão de controladores aéreos e dos metroviários de Paris antes do Campeonato Europeu (EURO) de futebol parecem ter fracassado.

Texto & Foto: Agências

O ministro francês dos Transportes, Alain Vidalies, disse que o tráfego do metropolitano parisiense estava normal, que outros sindicatos cancelaram uma greve de controladores de voo e que o governo espera evitar a interrupção do EURO, que a França sediará em várias cidades.

As paralisações lideradas pela central sindical CGT também afectam refinarias e usinas nucleares, mas o movimento parece cada vez mais isolado nos seus esforços para obrigar o governo socialista a retirar a reforma das leis trabalhistas, que facilitaria contratações e demissões.

“Não vai haver interrupção no trans-

porte aéreo neste final de semana”, disse Vidalies, segundo o qual quatro de cinco sindicatos que anunciaram uma greve entre 3 e 5 de Junho concordaram em suspendê-la.



Seis das 10 conexões dos comboios de alta velocidade (TGV, na sigla em francês) estavam em operação, e outras ligações interurbanas foram reduzidas em um terço, disse a esta-

tal ferroviária SNCF, um bastião do CGT, que é um dos dois maiores sindicatos franceses.

Mas um sindicato menor deve cancelar a sua participação na greve depois de obter do governo garantias de ajuda com a dívida de 50 biliões de euros da SNCF.

O presidente francês, François Hollande, rejeitou as exigências do CGT para descartar o projecto de lei, e seu governo, que insiste que a reforma é necessária para ajudar a combater a taxa de desemprego de 10 por cento, vem trabalhando para desarmar tensões sectoriais e evitar que várias demandas se transformem num grande protesto nacional.

Líder da oposição volta à linha de frente na Venezuela com o esforço para remover Presidente

Suado, sem voz e sendo sempre abordado, Henrique Capriles, líder da oposição, está de volta à acção nas ruas da Venezuela, instigando as pessoas e protestando contra a corrupção e o desabastecimento.

Texto: Agências

Capriles havia saído de cena depois das campanhas presidenciais fracassadas em 2012 e 2013, mas o governador do estado de Miranda está de novo na linha de frente política, desta vez liderando o esforço da oposição por um referendo para remover o Presidente Nicolás Maduro.

“A única maneira de se consertar a crise na Venezuela é perguntando aos venezuelanos”, afirmou ele à Reuters, depois de um dia fazendo campanha no país sob tensão, em meio a problemas económicos, manifestações e polarização política.

Apesar de autoridades do governo insistirem que não haverá um referendo revogatório neste ano, as novas iniciativas de Capriles estão a restaurar a sua imagem entre os simpatizantes da oposição na Venezuela.

Ataque da Al Shabab contra hotel em Mogadíscio deixa pelo menos sete mortos

Pelo menos 7 pessoas morreram e 17 ficaram feridas em um ataque com carro-bomba contra um hotel da capital da Somália, Mogadíscio, perpetrado pelo grupo jihadista Al Shabab.

Texto: Agências

O popular Hotel Ambassador foi alvo de uma grande explosão nesta tarde após ser atacado com um carro-bomba, antes que um grupo de cinco jihadistas tentasse invadir em suas instalações, indicou à Efe o deputado Omar Abdullahi Balash.

O Al Shabab, filial da Al Qaeda na Somália, reivindicou este novo ataque na capital somali, onde nos últimos meses o grupo atentou contra vários hotéis e restaurantes, recolhem veículos de imprensa locais.

“Três agressores tentaram entrar no hotel, um morreu na porta”, segundo a Agência de Inteligência e Segurança da Somália (NISA, por seus sigla em inglês).

A NISA informou sobre o final da operação por volta das 19h15 local, após resgatar 10 pessoas do interior do hotel, sem oferecer detalhes sobre o número de vítimas.

O ataque ocorreu um dia depois que as forças somalis mataram o líder da Al Shabab que planeou o ataque contra a Universidade de Garissa no Quénia, Mohammed Kuno, em uma operação coordenada com tropas americanas.

A acção terrorista desta quinta-feira em Mogadíscio ocorre também dias antes do presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, viajar à capital somali nesta semana, na sua terceira visita oficial ao país do Chifre da África.

O líder turco supervisionará os projectos impulsioneados por seu país na Somália, que abriga a maior embaixada da Turquia em um país africano. Em Janeiro de 2015, Erdogan cancelou a sua visita prevista a Mogadíscio para participar do funeral do rei da Arábia Saudita, Abdullah bin Abdul Aziz, e só um dia depois que a Al Shabab atentou contra o hotel onde estava hospedada a delegação turca na capital somali.

OMS declara Guiné livre de transmissão activa do Ébola

A Guiné-Conacri conseguiu acabar com a transmissão activa do vírus Ébola, informou a Organização Mundial de Saúde (OMS) na quarta-feira (01), na segunda vez que a entidade declara o fim do surto da doença no país que esteve seu epicentro da epidemia.

Texto: Agências

A declaração foi feita porque a pessoa com o último caso confirmado do Ébola na Guiné-Conacri testou negativo pela segunda vez há mais de 42 dias.

A Guiné-Conacri agora entra em um período de 90 dias de aumento da vigilância para garantir a identificação de quaisquer novos casos antes que se espalhem para outras pessoas.

No surto mais recente, sete casos confirmados e três possíveis casos do vírus surgiram entre 17 de Março e 6 de Abril. Pelo menos cinco pessoas morreram. Outros três casos foram registados na vizinha Libéria em uma mulher que viajou para Guiné-Conacri com seus dois filhos.